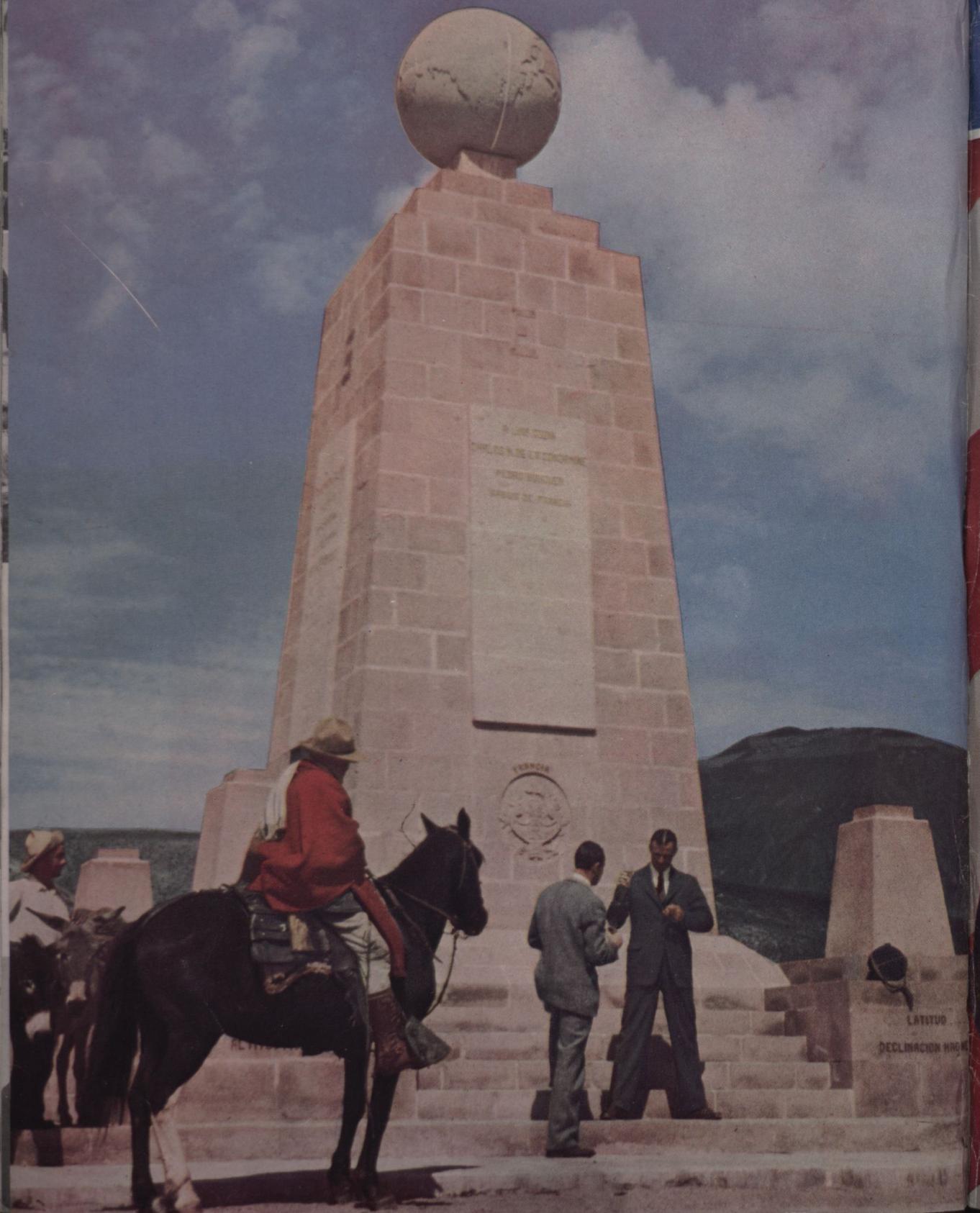


A trinta quilômetros ao norte de Quito, no Equador, este monumento de granito marca a exata latitude zero, o ponto por onde passa a linha do equador



EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N.º



ESPECIALISTA NAVAL

AF NAÇÕES UNIDAS NA PAZ



DELINÉAM-SE NOS TERMOS DE SUA CARTA CONSTITUCIONAL AS ASPIRAÇÕES DA HUMANIDADE

NÓS, os povos das Nações Unidas, determinados a salvar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que, por duas vezes no decurso de nossa própria existência trouxe indizíveis pezares para a humanidade, pela presente estabelecemos uma organização internacional denominada Nações Unidas. Em fé do exposto, os representantes das Nações Unidas assinaram a presente Carta.

Assim começou em San Francisco, a tradicional cidade do Pacífico, uma nova experiência em cooperação internacional, nova tentativa para criar uma comunidade universal sob a égide da lei e da ordem. Dela ganharão os povos pacíficos novas esperanças de uma radiante era de progresso e segurança como justa compensação pelas lutas e sacrifícios da guerra. E para milhões e milhões de entes humanos com vital interesse no seu sucesso, a tentativa parece ser, para a moderna civilização, a última oportunidade de escapar à completa ruína.

A consciência de suas grandes responsabilidades e de seus deveres para com os povos que eles representavam e para com as gerações futuras guiaram os delegados de 50 Nações Unidas nos 63 dias de seus trabalhos em San Francisco. Serviu para inspirar a fé, a determinação e o espírito de bôa vontade a bem dos interesses da harmonia e do sucesso do conclave. O resultado é uma Carta flexível e democrática criando a aparelhagem necessária para as nações, grandes e pequenas, resolverem os problemas da paz num esforço comum, tal como traçaram o seu objetivo da vitória na guerra.

Histórico início

A Carta de San Francisco é apenas um começo, mas é um começo notável, por isso que se destina a alcançar os mais elevados objetivos de progresso humano jamais alcançados pela humanidade. Dirigindo-se aos delegados reunidos na sessão de encerramento da histórica conferência, afirmou o Presidente Harry S. Truman: "Criastes um grande instrumento para a paz e segurança e para o progresso humano no mundo. O mundo deve usá-lo. Se deixarmos de usá-lo, trairemos todos quantos morreram para que pudessemos nos reunir aqui, com toda liberdade e segurança, para criá-lo. Se procurarmos usá-lo egoisticamente, para a vantagem de uma nação qualquer ou de qualquer pequeno grupo de nações, seremos igualmente culpados de traição. O uso deste instrumento, para ser bem sucedido, requer a vontade unida e a firme determinação dos povos que o criaram. A obra porá à prova a coragem e a força moral de todos."

O mecanismo assim formado aguarda agora, da parte de cada uma das nações participantes, os passos necessários para tornar em realidade uma organização mundial destinada a levar a efeito êstes elevados propósitos:

1. Manter a paz e segurança internacional tornando, para tal fim, coletivamente, as medidas efetivas necessárias para evitar e remover ameaças à paz e para reprimir atos de agressão ou outras perturbações da paz, e para conseguir, por meios pacíficos e de conformidade com os princípios de justiça e de direito internacional, ajustes ou soluções de disputas internacionais ou situações que possam conduzir à perturbação da paz;

2. Estimular as bôas relações entre as nações numa base de respeito pelo princípio de igualdade de direitos e de independência dos povos, e tomar outras medidas apropriadas para fortalecer a paz universal;

(Continua)

← O chefe da delegação chinesa, V. K. Wellington Koo, é o primeiro delegado a assinar a Carta, honra conferida à primeira nação vítima da agressão.

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation, Redação: 230 West 42nd Street, cidade de Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América. Classificada como publicação semanal, selada e registrada nos Correios de Filadélfia, a 8 de Abril de 1941, de acrdo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano 4, Número 9. Copyright 1945 by Business Publishers International Corporation—propriedade literária registrada em 1945 pela Business Publishers International Corporation.



● Presidente Harry S. Truman foi de avião a San Francisco, para fazer o discurso de encerramento da Conferência das Nações Unidas

O CAMINHO DA PAZ DURADOURA

Afirmações do Presidente Truman ao submeter a Carta ao Senado dos Estados Unidos:

Os objetivos da Carta são claros.

Procura evitar guerras futuras.

Procura solucionar as disputas internacionais por meios pacíficos e de conformidade com os princípios de justiça.

Procura promover o progresso universal e estabelecer melhores padrões de vida.

Procura conseguir o respeito e a garantia universal pelos direitos humanos e liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, idioma ou religião.

E' o produto de muitas mãos.

Procura remover as causas econômicas e sociais do conflito e da in tranquilidade internacional.

E' o produto de muitas mãos e de muitas influências. E' o resultado da realidade da experiência num mundo onde uma geração já falhou duas vezes em manter a paz. As lições desta experiência estão escritas no documento.

Esta Carta aponta para a única via da paz duradoura. Não há outra. Não hesitemos em dar as mãos aos povos pacíficos da terra e comecemos a nossa jornada para a paz duradoura — com a firme disposição de que podemos e conseguiremos o nosso objetivo.

Urjo a ratificação. Urjo a imediata ratificação.



O Presidente Truman foi recebido em San Francisco por uma comissão de delegados das outras repúblicas americanas. Vêmo-lo sendo saudado pelo embaixador boliviano nos Estados Unidos, Victor Andrade. Por trás estão o ministro Pedro Leão Velloso, de Brasil, e o ministro das Relações Exteriores do México, Ezequiel Padilla

3. Conseguir a cooperação internacional para solver os problemas de caráter econômico, social, cultural ou humanitário, e promover e animar o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais de todos, sem distinção de raça, sexo, idioma ou religião; e

4. Tornar-se um centro para harmonizar a ação das nações em seus esforços a bem dêstes objetivos comuns.

Os Estados Unidos, como uma das nações sob cujos auspícios se realizou a conferência, agiram prontamente para demonstrar o seu desejo e determinação de assumir um papel preponderante na nova organização. A Carta entrará em vigor e a organização das Nações Unidas começará a funcionar logo que o instrumento constitucional for ratificado pelos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, isto é, China, França, Rússia, Grã-Bretanha e Estados Unidos, e pela maioria das outras 45 nações signatárias.

O tempo necessário para a ratificação depende do próprio processo constitucional de cada uma das nações interessadas. Nos Estados Unidos, a formalidade da ratificação requer a aprovação por dois terços dos mem-

bros presentes do Senado, ao qual o Presidente Truman submeteu imediatamente a Carta para sua consideração. As numerosas manifestações da opinião pública a favor da plena participação dos Estados Unidos na nova organização é um augúrio animador do sucesso da presente tentativa a bem de uma paz permanente.

No Senado encontrava-se favoravelmente definido o apôlo de ambas as correntes partidárias. O Senador Arthur Vandenberg, do partido republicano, líder da minoria, foi um dos redatores da Carta e declarou que o instrumento "representa um grande passo para o entendimento internacional, para a cooperação e união indispensáveis à paz, ao progresso e à segurança." Numerosos outros seus correlegionários manifestaram-se solidários com esse parecer.

O presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara Alta, Senador Tom Connally, democrata, descreveu a Carta como "o melhor documento que poderia sair da sabedoria das nações pacíficas do mundo." O Presidente Truman designou para servir como representante dos Estados Unidos na nôvel organização o Sr. Edward R. Stettinius Jr., que

O delegado uruguai Héctor Paysee Reyes (à esq.) dirigindo-se à comissão das Disposições Gerais, e C. P. Enriquez, do Equador, dirigindo-se à imprensa



A Carta das Nações Unidas para a paz universal exposta ao público depois da cerimônia do ato de sua assinatura pelos delegados das nações participantes



resignou o cargo de Secretário de Estado, afim de dedicar-se inteiramente às suas novas tarefas. Como é sabido, o Sr. Stettinius foi chefe da delegação norte-americana à Conferência de San Francisco e tomou parte em numerosos trabalhos preliminares na elaboração da Carta. Uma comissão provisória foi criada em San Francisco para tratar da preparação da primeira reunião da Assembleia Geral e de outros órgãos principais das Nações Unidas.

No contexto da Carta entraram toda a experiência e conhecimento dos esforços passados em matéria de cooperação internacional para tal objetivo, assim como as lições de duas grandes guerras durante uma única geração; a acidentada história da velha Liga das Nações, seus êrros e falácias; o sucesso do sistema interamericano de cooperação regional; e os magníficos resultados da cooperação entre as Nações Unidas na presente guerra, fato que resultou na derrota da Alemanha quando a conferência ainda estava reunida, tratando de estabelecer as bases de uma paz efetiva, e está contribuindo enormemente para a derrota final do Japão. Na opinião dos delegados à conferência e de numerosos e eminentes internacionalistas, a nova organização representa um vasto melhoramento sobre a antiga Liga das Nações, sendo também um órgão mais realista e efetivo do que o projetado nas propostas de Dumbarton Oaks, as quais aliás serviram de base para as discussões em San Francisco. Os melhoramentos foram resultantes do método democrático de discussão franca e livre, de dissidências naturais e de acomodações honestas; enfim, do sacrifício de pontos de vista individuais em proveito do interesse geral.

A Carta é, portanto, um trabalho que reflete os melhores esforços e a melhor orientação de todos os delegados, tanto das pequenas como das grandes nações. Revelou-se verdadeiramente notável a contribuição feita pelos delegados das demais repúblicas americanas. Serviram em algumas das comissões mais importantes, trabalhando com decidido afincio para produzir um documento capaz de constituir uma base sólida para a paz.

Os órgãos básicos

A organização das Nações Unidas, que representa para o mundo novas esperanças para a paz e para o progresso sob o império da ordem, baseia-se em quatro órgãos principais:

1. O Conselho de Segurança, composto de cinco membros permanentes, a saber, os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Rússia, China e França, e de seis membros eleitos pela Assembleia Geral por um período de dois anos cada um. É a principal entidade para a manutenção da paz, com poderes para investigar disputas internacionais, promover acordos pacíficos e tomar medidas diplomáticas, econômicas e, em último recurso, agir militarmente contra possíveis agressores.

2. A Assembleia Geral, constituída por todas as Nações Unidas, cada qual com direito a um voto, autorizada a discutir quaisquer questões ou assuntos que estiveram dentro do escopo da Carta, e fazer recomendações aos seus membros ou ao Conselho de Segurança. Este é o órgão

(Continua)

O Dr. Pedro Leão Velloso, Ministro das Relações Exteriores do Brasil e chefe da delegação brasileira à Conferência de San Francisco, apõe, em nome de sua pátria, a sua assinatura à Carta das Nações Unidas para a paz universal, no dia do encerramento do cláve. De pé, estão os demais membros da sua delegação



O ex-Secretário de Estado Cordell Hull foi um dos delegados à Conferência das Nações Unidas, mas não pôde comparecer por motivo de saúde. A Carta foi-lhe enviada para assinatura em Washington. Em baixo: O chefe da delegação russa, Andrei A. Gromyko, e o embaixador britânico nos EUA, Lord Halifax



OS PRINCÍPIOS DAS NAÇÕES UNIDAS

1. A organização baseia-se no princípio da igualdade de soberania de todos os seus membros.

2. Todos os membros, de modo a garantir a cada um os direitos e benefícios resultantes da sua participação na organização, cumprião de boa fé as obrigações pelos mesmos assumidas de acordo com a presente carta.

3. Todos os membros resolvendo suas disputas internacionais por meios pacíficos, de maneira que a paz, a segurança e a justiça internacionais não sejam comprometidas.

4. Todos os membros se absterão, em suas relações internacionais, de ameaça ou de uso de força contra a integridade territorial ou independência política de qualquer membro ou Estado, abstendo-se também de qualquer outra atitude contrária aos propósitos das Nações Unidas.

5. Todos os membros prestarão às Nações Unidas toda a assistência em qualquer ação que elas tomarem de conformidade com as determinações da presente carta, e se absterão de prestar assistência a qualquer Estado contra o qual estejam as Nações Unidas tomando medidas preventivas ou aplicando ação repressiva.

6. A organização fará que os Estados não-membros ajam de conformidade com estes princípios no que for necessário para a manutenção da paz e da segurança internacional.

7. Nada do que se contém na presente carta autorizará as Nações Unidas a intervirem em questões essencialmente da jurisdição interna de qualquer Estado, ou exigirão que os membros submetam tais questões para serem resolvidas sob a égide da presente carta; mas este princípio não prejudicará a aplicação das medidas repressivas constantes do Capítulo VII.

A ASSEMBLÉIA GERAL—Compõe-se de todos os membros das Nações Unidas. Compete-lhe considerar os princípios gerais de cooperação na manutenção da paz e segurança internacional, inclusive o desarmamento e a regulação de armamentos, e fazer as recomendações necessárias aos membros ou ao Conselho de Segurança; promover a cooperação internacional no terreno econômico, social, cultural, educacional e higiênico, e assistir na efetivação dos direitos humanos e das liberdades básicas para todos, sem distinção de raça, sexo, idioma ou religião.

O CONSELHO DE SEGURANÇA—Compõe-se de onze membros: cinco membros permanentes (Estados Unidos, Grã-Bretanha, Rússia, China e França) e seis eleitos pela Assembléia Geral por um período de dois anos cada um. É primariamente responsável pela manutenção da paz e segurança internacional, decidindo sobre as medidas a serem tomadas contra qualquer possível agressor, inclusive, em último recurso, o uso de força armada.

O CONSELHO ECONÔMICO E SOCIAL—Compõe-se de dezoito membros eleitos pela Assembléia Geral por um período de três anos cada um. É o órgão principal para iniciar os estudos e fazer executar as medidas destinadas a remover a cooperação internacional no terreno econômico, social, cultural, educacional, higiênico e outros correlatos.

A COMISSÃO DE ESTADO-MAIOR—É composta dos chefes de estado-maior dos Estados membros do Conselho de Segurança. Compete-lhe dar parecer e assistir o Conselho de Segurança em todas as questões de caráter militar, sendo responsável pela direção estratégica de qualquer força armada posta à sua disposição para a manutenção da paz e segurança.

O CONSELHO DE CURADORIA—Compõe-se de todos os membros que exercem a curadoria de territórios e de alguns que não a exercem, a serem designados pela Assembléia Geral. Compete-lhe assistir a Assembléia Geral na administração e superintendência dos territórios afim de assegurar que os respectivos Estados administradores dispensem às populações o tratamento devido e promovam o desenvolvimento dos territórios para o benefício de seus habitantes.

A CÓRTE INTERNACIONAL DE JUSTIÇA—É o principal órgão das Nações Unidas para a solução das disputas de caráter jurídico entre as nações.

O SECRETARIADO—É composto de um secretário geral eleito pela Assembléia Geral e do pessoal administrativo necessário.

principal para a discussão franca e livre dos problemas mundiais, e para empregar o vigor da opinião universal sobre os problemas e condições que possam perturbar a paz ou afetar as aspirações pacíficas dos povos e das nações.

3. O Conselho Econômico e Social, sob a jurisdição da Assembléia Geral, mas com amplos poderes e funções próprias para promover a cooperação internacional em assuntos econômicos, sociais, culturais, educacionais, higiênicos e outros correlatos, e, de um modo geral, procurar remover as causas básicas da guerra.

4. A Corte Internacional de Justiça, órgão jurídico principal das Nações Unidas, com atribuições para decidir das disputas sobre o direito entre as nações, estabelecendo a lei e a ordem entre as mesmas.

Sob o Conselho de Segurança funcionará uma Comissão de Estado-Maior composta dos chefes de estado-maior das cinco nações membros permanentes, competindo-lhe dirigir as forças armadas postas à sua disposição pelo Conselho. Todos os membros das Nações Unidas concordam em fornecer ao Conselho de Segurança, a seu pedido e de conformidade com a letra da Carta, as forças necessárias, assistência e facilidades, inclusive o direito de passagem por seus respectivos territórios, medidas indispensáveis à manutenção da paz e segurança internacional.

Fica estabelecido um sistema de curadoria internacional para a administração dos territórios cujos povos ainda não tenham adquirido sua independência. Sujeito a posteriores acordos, para cada caso em particular, o sistema é aplicável aos territórios atualmente sob mandatos; aos territórios que possam ser separados dos Estados inimigos durante a presente guerra, e, aos territórios voluntariamente colocados sob o referido sistema por Estados responsáveis pela sua administração.

Para fins de segurança, alguns territórios ou partes dêles serão designados áreas estratégicas, ficando sob a jurisdição do Conselho de Segurança. Outros territórios ficam sob a jurisdição do Conselho de Curadoria, o qual funcionará sob a jurisdição da Assembléia Geral. A Carta reconhece o princípio de que os interesses dos habitantes dos territórios sob a curadoria são primaciais, prometendo agir a bem do seu progresso educacional, econômico e social, assim como para o desenvolvimento de suas próprias instituições políticas.

A efetividade dos sistemas regionais de caráter já estabelecido pelas repúblicas americanas, como parte da organização mundial, é reconhecida na Carta como um meio de promover a solução pacífica de disputas locais e promover outras formas de cooperação regional.

Diferenças vitais

A organização das Nações Unidas difere em alguns aspectos importantes da Liga das Nações e, na opinião dos delegados, corrige alguns dos pontos fracos da Liga. Esta requeria a aprovação de todos os seus membros antes de poder agir contra um agressor. As Nações Unidas concentram o poder de ação contra um agressor no Conselho de Segurança, do qual fazem parte as nações que dispõem do maior poder militar para dar cumprimento às suas decisões. Tal ação repressiva requer a aprovação de sete membros do Conselho de Segurança, inclusive os cinco membros permanentes.

A Liga não dispunha de forças militares definitivas que a apoiasssem. A nova organização obriga seus membros a manterem "uma quota de forças prontas ao primeiro chamado." A Liga carecia de um órgão como o Conselho Econômico e Social, considerado por muitos autorizados observadores como em condições de tornar-se um dos elementos mais efetivos da organização geral, capaz de afastar as causas básicas da guerra.

A admissão à Liga estava aberta a "qualquer Estado independente, domínio ou colônia" de acordo com a aprovação por dois terços dos votos da Assembléia. As Nações Unidas só admitirão "os Estados pacíficos que aceitarem as obrigações contidas na presente Carta e que, a julgamento da organização, forem capazes e desejosos de cumprir essas obrigações. A despeito de todas as inovações para melhor, a Carta das Nações Unidas, entretanto, ainda não é um documento perfeito, isto é, que não necessite alterações de acordo com as condições e problemas futuros. Esta é uma circunstância antevista pelos delegados quando dotaram a Carta dos recursos de que as nações possam carecer para tomarem as medidas que a tornem mais efetiva.

O Presidente Truman estabeleceu um significativo paralelo entre a criação da Carta e a elaboração da Constituição dos Estados Unidos. "A Constituição de minha própria pátria," lembrou o presidente, "é obra de delegados que também tinham diferentes pontos de vista. Como esta Carta, a nossa Constituição é o produto da troca de opiniões divergentes, expressas às vezes com excessos, mas sempre livremente. Quando foi adotada, ninguém a considerou um documento perfeito. Mas conseguiu crescer, desenvolver e expandir-se. E sobre as suas bases se formou uma união maior, melhor e mais perfeita. Esperemos o mesmo da Carta das Nações Unidas."



James F. Byrnes, ex-senador, ex-ministro da Corte Suprema e ex-Diretor da Mobilização de Guerra, nomeado recentemente Secretário de Estado

O Secretário de Estado Byrnes

AMES F. BYRNES, frequentemente chamado presidente-assistente do saudoso Franklin Delano Roosevelt, e agora novo Secretário de Estado do governo do Presidente Harry S. Truman, assim expõe a sua filosofia referente aos deveres do seu cargo:

"A obra de alcançar uma paz duradoura depende de alguma coisa que é mais do que excelente diplomacia, mais do que tratados no papel e até mais do que a melhor carta elaborada pelos mais esclarecidos estadistas. Importantes como são a diplomacia, os acordos pacíficos e uma carta básica para a paz mundial, contudo, não alcançarão o desejado sucesso se não forem apoiados pela vontade dos povos de diferentes terras determinados a terem paz e também a viverem juntos como bons vizinhos."

Sendo um dos poucos homens, na história dos Estados Unidos, com a distinção de terem servido em todos os ramos do governo federal, no poder legislativo, no poder judiciário e no executivo, o Sr. Byrnes traz para o seu novo cargo uma experiência adquirida durante um período de mais de um quarto de século de brilhante proeminência na vida pública.

Já familiarizado com os complexos problemas europeus e com outros aspectos das relações exteriores, acompanhou, como conselheiro, o Presidente Roosevelt às reuniões tidas com o Primeiro-Ministro Churchill e o Marechal Stalin, poucas semanas antes do falecimento do presidente.

Ao assumir o cargo, o Presidente Truman chamou imediatamente o Sr. Byrnes para informar-se com ele sobre vários e urgentes problemas que o defrontavam na presidência.

O novo Secretário de Estado começou sua carreira como simples taquígrafo, estudando direito à noite. Em 1911, aos 32 anos, foi eleito para a Câmara dos Representantes por seu Estado natal, Carolina do Norte. Depois de servir 14 anos como representante da nação, foi eleito senador federal, tendo ocasião de trabalhar com o então senador Harry S. Truman. Em 1941 foi nomeado ministro da Corte Suprema, cargo do qual se afastou para assumir a direção da Mobilização de Guerra. Foi durante esse tempo que, pela sua vigorosa ação junto aos trabalhos de produção civil e militar da nação, granjeou publicamente o título de presidente-assistente.

ZONA PROTETORA



Inúmeras cenas de desolação, como esta, eram comuns em vastas áreas da zona agrícola do oeste, antes dos vários trabalhos de conservação do solo

Esta fotografia, tirada dez anos depois da que se vê na gravura de cima, na região de Dust Bowl, demonstra os resultados da obra de conservação



SUSTADA A EROÇÃO DO SOLO PELA REARBORIZAÇÃO DE VASTA ÁREA AGRÍCOLA AMERICANA



Mapa dos Estados Unidos, vendo-se, ao centro, a faixa de arborização para evitar a erosão do solo

MAIS longa cerca de árvores plantadas nas Américas estende-se da Dakota do Norte ao Texas, pelo centro dos Estados Unidos, como uma gigantesca cerca viva. Por suas dimensões, a cinta protetora norte-americana é considerada por muitos como um verdadeiro marco nacional. Mas para os agricultores ela representa um experimento social que está produzindo os resultados esperados — contribuir para sustar a erosão do solo.

Os planos para este projeto foram executados há onze anos, quando as tempestades de poeira mais calamitosas na história do país varreram os plainos do *interland* norte-americano, inutilizando milhões de hectares de excelentes terras. A seca que se seguiu obrigou milhares de famílias de camponeses e agricultores a abandonarem suas propriedades e expôrem-se a um destino incerto, como emigrantes sem rumo. E a própria área, geográficamente conhecida por Grandes Planícies, tornou-se mais popularmente conhecida por Zona da Poeira.

O combate ao flagelo

Para reparar tal desastre, o Congresso aprovou uma verba de 528 milhões de dólares para as obras contra a seca e o governo deu início imediatamente aos planos para evitar a repetição do flagelo. Um dos planos era dos mais ousados, visando o plantio de uma cerca de árvores numa extensão de 1.700 quilômetros, para proteger as propriedades rurais, plantações e fazendas contra os efeitos destruidores dos vendavais, em seis Estados. De comêgo, o plano provocou variadas expressões de incredibilidade, de ridículo mesmo; mas os seus proponentes afirmavam que o plano, juntamente com a execução de outras medidas destinadas à conservação do solo, como, por exemplo, a aradura da terra em contorno, a construção de açudes e a cultura em rotação, impediriam que o vento varresse a terra produtiva. Conseguiram, afinal, ver experimentado o seu plano e, em 1935, os agricultores, de cooperação com o governo, começaram os trabalhos de arborização.

O plano de arborizar uma faixa protetora de 1.700 quilômetros de extensão não chegou a ser realizado. Em seu lugar foi adotado o sistema de várias filas de árvores, cobrindo uma

área de quase 35.000 quilômetros e 29.000 fazendas. Hoje, a faixa protetora tem mais de 220.000.000 de árvores, ou seja, 17 para cada habitante dos Estados da Dakota do Norte e do Sul, de Nebraska, Kansas, Oklahoma e Texas.

Os turistas que viajam por estes seis Estados mal reconhecem a grandiosa faixa arborizada, por isso que não se trata de uma *muralha* de árvores. É um conjunto de 17.000 pequenas cercas protetoras que, freqüentemente, atravessam toda uma fazenda, desviam-se de outras e assim seguem em zig-zague. Foi impossível manter uma linha contínua, por isso que o plantio das árvores em cada um dos Estados em questão dependia das condições do seu respetivo solo e da cooperação dos seus agricultores. Uma seção típica dessa grandiosa obra de arborização racional é composta de dez filas de árvores, cada fila guardando um espaço de três metros. As filas variam de 500 a 1.500 metros de extensão, mas, seja qual for a extensão, seguem sempre a direção de este a oeste, em ângulos retos em relação aos ventos devastadores do norte e do sul. Quando as árvores estão bem crescidas, formam uma excelente barreira contra a fúria das tempestades de poeira. O formato da barreira é tal que oferece perfeita resistência ao vento, em alinhamento aerodinâmico. Obtem-se este resultado fazendo a plantação, na primeira fila (lado do sul), de arbustos, plantando ao lado árvores cuja altura varia até chegar à última fila, composta de árvores altas, de rápido crescimento.

Quando o vento sopra rijo, a tendência é para subir, seguindo a inclinação do obstáculo, e atingindo frequentemente uma altitude equivalente a 50 vezes a altura da cerca de árvores. Desta forma, a arborização produz o resultado desejado, protegendo a superfície do solo contra a violência do vento. Serve também para outros fins importantes: evita a evaporação do terreno; conserva a neve no solo, até derreter, contribuindo assim para o umedecimento do mesmo; diminui o risco de auto-combustão das safras,

(Continua)

A menina Kelva Jean Logue, de 10 anos e as árvores plantadas durante o ano em que ela nasceu





No inicio do projeto de rearborização, as sementes para as árvores eram procedentes de vários lugares, como estas do famoso cedro vermelho

causada pela ardência dos ventos; permite o crescimento de outras árvores, aproveitáveis para cercas e outros misteres, e, finalmente, atrai milhões de pássaros que destroem os insetos daninhos.

Muitos agricultores mostram-se agora mais atraídos pelo interessante aspecto das árvores do que pelas inestimáveis vantagens econômicas que elas representam. E' que o arvoredo é muito variado, de estrutura e folhagem que forma uma bela decoração do terreno, antes geralmente monótono em seus plainos de grande extensão. Ademais, há muitas e excelentes árvores de abrigo para as casas de moradia e para os animais.

Um coméço difícil

Nos primeiros anos da execução do projeto, muitos agricultores não pareciam crentes dos seus bons resultados. Primeiro que tudo, julgavam que nem se podia esperar que árvores crescessem em solo tão desolado, tal era o roteiro das terras escolhidas para o enorme plantio de salvação. Mas depois que o governo mandou instalar os viveiros nas regiões escolhidas e as árvores começaram a crescer, a idéia ganhou curso e aprovação entre a gente da terra. Em 1935, o governo, aliás, teve que oferecer certas vantagens imediatas para conseguir que as árvores fossem plantadas. Pagava aluguel das terras aos agricultores, fornecendo-lhes ainda todos os materiais necessários e assumindo o

encargo do próprio plantio e conservação. Um ano depois, entretanto, os agricultores se prontificaram a ceder as terras gratuitamente para o plantio e fornecer o material necessário para as cercas. Agora, a maioria deles prepara a terra para o plantio e se encarrega da conservação das árvores, ciente da sua utilidade.

Quarenta e dois por cento, aproximadamente, da conservação da faixa protetora está a cargo do Serviço de Conservação do Solo, entidade do Departamento de Agricultura, à qual passou o projeto então sob a jurisdição do Serviço Florestal, há três anos. A conservação não é fácil, por isso que as árvores têm uma duração que varia de 30 a 50 anos, precisando, pois, de constante replantio e cuidado. Mas os agricultores querem que a proteção de suas terras seja permanente, razão por que entram não sómente com a mão de obra, mas com os materiais necessários ao trabalho de conservação naquilo que o governo não pode fazer. Este entusiasmo pelo projeto se reflete nas estatísticas concernentes ao abandono dos plantios. Texas, por exemplo, deixou de lado apenas 23 quilômetros, dos 2.800 quilômetros plantados; Oklahoma deixou de plantar 182 hectares, dos 2.995 plantados, e a mesma diferença, relativamente pequena, se registra quanto aos demais Estados interessados. Não obstante, novas seções estão sendo adicionadas à faixa arborizada, sendo que, graças ao seu sucesso, outros Estados estão plantando pequenas faixas, de acordo com as necessidades.

Nova era

São inúmeros os agricultores norte-americanos que atribuem ao projeto a salvação de suas terras, nos períodos mais críticos da história da agricultura nos Estados Unidos. Outros consideram os resultados como uma prova de que a agricultura já passou de sua era de exploração e migração desordenada, entrando agora na sua permanente estabilidade. Dos horrores do flagelo ficaram, entretanto, memórias inapagáveis como um incentivo para prestar à terra todos os cuidados que a sua produtividade requer.

As sementes foram primeiramente plantadas em longas filas num viveiro. Em geral, as mudas estavam prontas para serem transplantadas depois de um ano



Quintas-feiras e domingos são os dias em que os índios levam os seus produtos à pitoresca feira livre na praça fronteira à igreja da vila

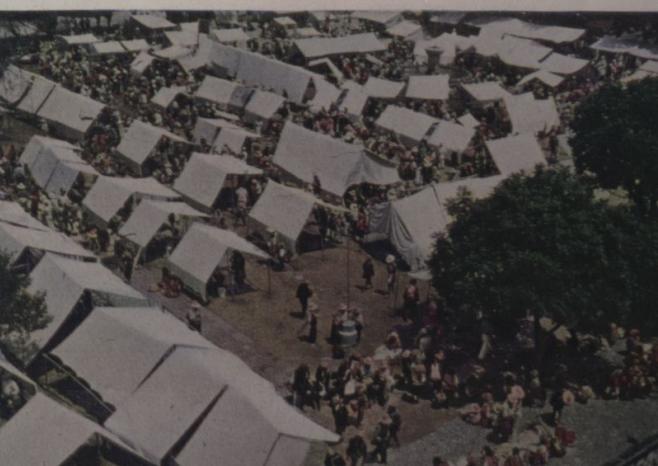
CHICHICASTENANGO

CHICHICASTENANGO, que, no idioma asteca quer dizer *lugar dos cactos*, é também conhecida por Santo Tomás, nome dado a uma pequena vila situada nos píncaros das montanhas guatemaltecas. Aí encontraram-se duas civilizações, há muitos séculos, e ainda continuam sobrevivendo lado a lado. Nos dias da sua tradicional festa afluem visitantes de todos os pontos da Guatemala e de outros países, curiosos de apreciar os índios, em seus costumes de cônices vivas, relembrando a chegada dos espanhóis no século desse. Alguns interpretam o papel de chefes índios, outros o dos cavaleiros de Castela.

As festas, especialmente a de Santo Tomás, que se realiza de 18 a 21 de dezembro, com suas músicas de marimba e os ruidosos foguetes, revivem, em danças e tradições, um interessante episódio da história local. O forasteiro, porém, não precisa esperar um dia de festa para apreciar os encantos de que se reveste a vila de Chichicastenango. Durante os dias de semana a paisagem é sempre atraente, com suas casas brancas de telhados vermelhos, encostadas no verde-azul da serra. Mas onde estão os habitantes? Alguns, de origem india ou espanhola, estão em suas casas; alguns visitantes estão no pequeno hotel; mas as ruas parecem desertas, porque a maioria dos 25.000 habitantes de Santo Tomás está fóra da vila, trabalhando nas encostas da montanha.

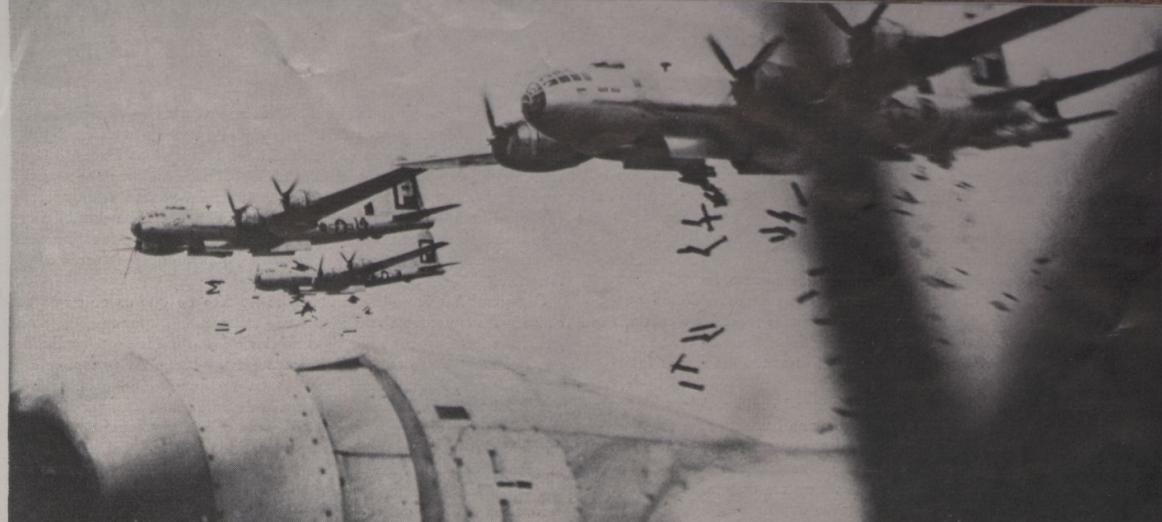
Para eles, os doze meses do ano são um longo período de constante atividades. Começam a plantar cêdo, em fevereiro; em abril fazem as queimadas para outra plantio que se realiza em maio; a colheita se faz em setembro, chegando à sua maior intensidade em dezembro. E, finalmente, durante os meses frios do infeliz inverno, entregam-se à indústria principal, a da tecelagem de lã e algodão, na qual demonstram rara perícia. Seja qual for o trabalho a que se dediquem, conforme a temporada, a vila não perde nunca o seu lugar de ativo centro comercial e social. Toda

Os tradicionais dias da feira são de grande atividade na praça de Chichicastenango. Aqui vemos um aspecto do local, com suas surtidas tendas e barracas





Vista aérea de Tóquio, mostrando os efeitos das bombas americanas. As áreas em branco estão destruídas; a área negra, ao centro, é o palácio imperial



Efeitos dos tremendos ataques dos bombardeiros americanos, realizados de dia e sem escoltas, contra a importante cidade industrial japonesa de Yokohama

Bombas Sobre o Japão

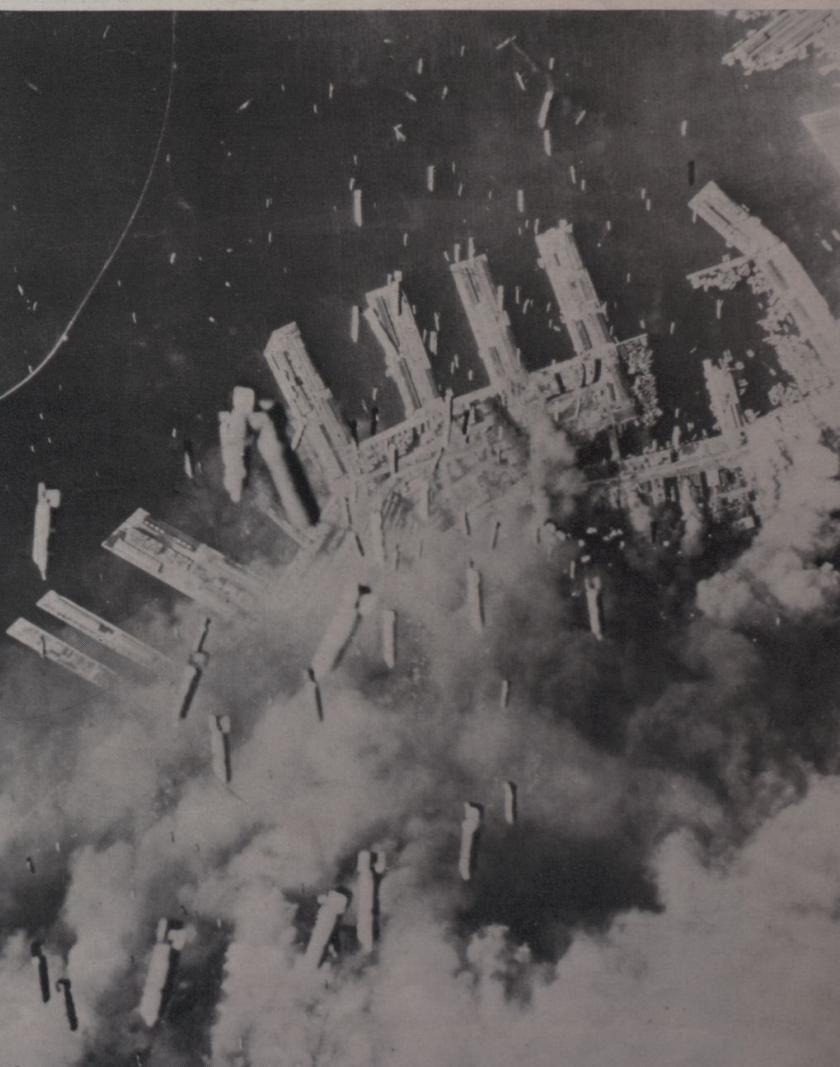
ASSUME PROPORÇÕES GIGANTESCAS O PRELÚDIO DA INVASÃO DO IMPÉRIO PELAS FORÇAS ALIADAS

AINDA não haviam os aliados prosseguido em seu avanço depois da tomada de Okinawa, e já o povo japonês tinha caradas de razões para imaginar dos maus fados que aguardam o Japão. Por mais que persistam os seus chefes militares em esconder do povo a verdade verdadeira sobre a contínua e efetiva ação de numerosas e poderosas unidades navais aliadas nas costas do império, não há como fugir aos terríveis efeitos dos bombardeios aéreos que estão reduzindo a escombros as suas indústrias de guerra. Muito breve estes bombardeios atingirão a média de 5.000 toneladas diárias de tremendos explosivos, sendo esta, entretanto, apenas uma das fases da guerra contra o Japão.

Os chefes aliados não têm dúvida alguma quanto ao fato de ser necessário lutar no próprio solo japonês; o sucesso da invasão, porém, depende essencialmente do resultado dos ataques aéreos, cujo objetivo é destruir a indústria bélica do inimigo, suas vias de comunicações e de transporte, assim como todos os pontos estratégicos em condições de favorecer a sua resistência.

O prólogo da impressionante história do bombardeio do Japão foi escrito quatro meses apenas depois do ataque japonês contra Pearl Harbor. Em 18 de abril de 1942, algumas dezenas de aeronaves decolaram de um porta-aviões norte-americano, a centenas de milhas da costa japonesa e lançaram cargas relativamente pequenas sobre várias fábricas de material de guerra e instalações militares situadas em Tóquio, Yokohama, Kobe e Nagoya.

O ataque foi efetuado por um grupo de bravos aviadores, para vingar, com os recursos de que dispunham naquele tempo, o assalto de Pearl Harbor. Mas o esforço foi precursor dos gigantescos bombardeios que, dois anos depois, iriam pulverizar sistematicamente as indústrias do Japão. A ação aérea contra o inimigo é tão intensa que, em pouco mais de um ano, os japonenses



Um ataque contra Kobe, a sexta cidade japonesa em tamanho, e importante centro industrial de guerra

já fizeram a evacuação de mais de 200.000 habitantes de Tóquio, outrora a terceira maior cidade do mundo, com uma população de sete milhões de almas. O avião ao qual competia a maior ação no estratégico bombardeio do Japão foi o B-29, a famosa super-fortaleza. Em 15 de junho do ano transato, 50 destes poderosos bombardeiros decolaram de bases laboriosamente construídas em território chinês para lançar um ataque noturno contra o grande centro industrial metalúrgico de Yawata, na ilha de Kyushu. Os danos causados foram formidáveis.

Desde então, as super-fortalezas aumentaram em número, havendo agora alguns milhares. Grandes frotas, que, breve, serão compostas de mil aparelhos, têm atacado efetivamente as maiores cidades japonesas, cobrindo milhares de milhas de territórios conquistados, desde Palembang, no sudeste de Sumatra, até Anshan, na Manchúria, deixando em ruínas fumegantes várias cidades do inimigo.

Nesses primeiros meses, os B-29 fizeram apenas 16 raides. As formações eram pequenas e as distâncias das pistas na China bastante grandes. Mas, enquanto isto, a esquadra norte-americana e numerosas forças de terra se aproximaram mais e mais do Japão e, quando se verificou a tomada das ilhas Marianas e o estabelecimento de uma base em Saipan, começaram então os verdadeiros ataques aéreos contra o Japão. Dentro de poucas semanas os raides cresceram de intensidade, tornando-se dos mais destrutivos nos anais da guerra aérea.

Ataques contínuos

E no decorso do um ano, desde o começo dos assaltos, os grandes bombardeiros estavam lançando mil bombas a mais, em cada raide, do que as lançadas contra a Alemanha. A maior parte de Tóquio ficou devastada e a cidade não mais foi considerada objetivo militar. Outros importantes centros industriais, como Yokohama, Nagoya, Kobe e Osaka estão agora carbonizadas em grandes extensões, em consequência das bombas incendiárias que espalham sobre o objetivo uma lava sintética impossível de ser extinta.

Segundo opinião dos técnicos militares, o primeiro ano de bombardeios aéreos reduziu de um terço a produção aeronáutica japonesa. Consideráveis danos foram também causados à indústria eletrônica; às fábricas de máquinas-ferramentas; às refinarias de petróleo, indústrias químicas e armazéns, prejuízos vitais para a produção de guerra que deveria em breve fazer sentir-se nas frentes de batalha.

Outros grandes efeitos dos tremendos bombardeios foram a destruição de instalações operárias; de vias de comunicações urbanas e numerosas pequenas fábricas espalhadas nas ilhas japonesas, além de numerosos navios, aeroplanos e depósitos de gasolina. As super-fortalezas aumentaram constantemente a frequência dos assaltos, com maior número de aparelhos, lançando crescente cargas de bombas incendiárias, aproximando-se do total de 5.000 toneladas diárias estabelecido pelo General Arnold, chefe da Força Aérea do Exército norte-americano. E os japoneses já tiveram o des-

O tremendo custo de Okinawa, para os americanos, é compensado pela instalação de bases para operações contra o Japão. Vemos à direita os tratores nivelando o terreno em Okinawa para um aeródromo. E (em baixo), enquanto os japoneses ainda resistiam, os bombardeiros da Marinha já decolavam da ilha



prazer de saber que a frota dos B-29 está aumentada com os elementos da Oitava Fôrça Aérea norte-americana, famosa por seus feitos na Europa. Considerando a frequência e efetividade dos bombardeios aéreos, o General Arnold é de opinião que, em fins de 1946, "nada mais restará no Japão para ser bombardeado como objetivo militar. Continuará como um país com suas grandes cidades e suas indústrias destruídas, bloqueado e cortado de seus recursos de combustíveis petrolíferos. E se o fanatismo continuar a animar a resistência dos japonenses, o Japão desaparecerá completamente."

O general baseia suas considerações no fato de que os objetivos atacados pelas super-fortalezas aéreas não tardarão em estar também ao alcance dos bombardeiros dos tipos médios e leves, e dos caças-bombardeiros, que aumentarão extraordinariamente a tonelagem de explosivos e de bombas incendiárias a serem lançadas dia e noite sobre o Japão. Esta é a possibilidade proporcionada pela tomada de Okinawa, a ilha que dista apenas 350 milhas do Japão próprio. Foi uma vitória resultante do concurso de forças de terra, do mar e do ar, facilitando afinal, aos aliados, o estabelecimento de uma base para aumentar com todo o vigor a guerra aérea contra o inimigo. Foram precisos 82 dias de luta desesperada para alcançar esta vitória que custou aos Estados Unidos um total de 30.000 feridos e 7.000 mortos, das forças do Exército e da Infantaria de Marinha. As forças navais tiveram mais de 5.000 mortos e outro tanto de feridos. Dos japoneses, entretanto, 90.000 foram mortos, e 5.000 foram feitos prisioneiros.

A queda de Okinawa, para os aliados, é, estrategicamente, tão importante quanto o bombardeio aéreo do Japão. Serve não sómente para firmar uma base de operações às portas do Japão, como para separar ao meio a parte da China ocupada pelo inimigo. Ficam assim abertos ao ataque o maior porto da China, Shangai, a 400 milhas de distância; a entrada do caudaloso rio Yantze; os vastos plainos da China setentrional; a Manchúria e a Coréia. Além disto, a esquadra aliada tem agora excelente base para desenvolver ainda mais a sua ação em águas japonesas, cortando as vias de abastecimentos do inimigo no vasto império sob seu domínio, ao sul e a oeste. Dessa forma, delinea-se quase completo o bloqueio do Japão. E enquanto os japonenses possam contar ainda com volumosos estoques de matérias primas, sua posição estratégica torna-se cada vez mais precária por causa dos continuos ataques aéreos sofridos pela sua indústria. Cabe agora aos japonenses encarar as sérias consequências de uma guerra que eles começaram tão arrogantemente. Há apenas três anos, os líderes



Soldados da infantaria do 10º Exército americano vistos nuns momentos de repouso, depois da sua longa luta para tomar vários pontos estratégicos



A luta nas Filipinas, depois da libertação de Manilá pelas forças do General MacArthur: forças americanas atravessando o rio Maragot, na parte norte de Luçon, para apoiar o ataque da infantaria. Na gravação abaixo vê-se três fuzileiros navais americanos em Okinawa aguardando a saída de um atirador japonês



da prepotência militar nipônica eram os senhores absolutos de milhares de milhas quadradas de terra e mar. Agora, estão eles a braços para defender os seus próprios domínios nacionais. Na China, estão sendo expelidos dos territórios ocupados durante os primeiros meses da guerra, perdendo também uma longa orla do litoral na costa do Mar da China, recapturada pelas tropas do General Chiang Kai-shek. No interior da China, estão os chinenses cortando sistematicamente as comunicações do inimigo com a Malásia e a Indo-China; em Bornéo, cerne das Índias Orientais, ocupada pelos japonenses há três anos, com o objetivo de se apoderarem de valiosos recursos, como petróleo, borracha e estanho, as tropas australianas já dominam; e para abreviar o desenlace final, numerosas forças aliadas, navios, aviões e abastecimentos estão seguindo da Europa para o Pacífico.

Mas os japonenses continuam lutando com a sua fúria tradicional; quando a aviação aliada levou a destruição, à sua indústria de aeroplanos, o governo de Tóquio exortou os operários a trabalharem dia e noite na produção de aviões; quando Okinawa foi invadida, milhares de *aviadores suicidas* japonenses procuraram sustar loucamente a ação do adversário. Esses fanáticos, pilotando verdadeiras bombas humanas, na maioria se arrojam a uma morte certa, sem conseguir o seu objetivo. Mas tem havido alguns que completam diabolicamente a sua missão, afundando unidades navais aliadas e matando milhares de homens.

A verdadeira situação

O Japão também já deu a entender que a invasão, pelos aliados, de suas ilhas territoriais será combatida com a mesma tática suicida, não somente pelos soldados como por civis, homens, mulheres e crianças, já organizados e adestrados para tais operações. Segundo o rádio oficial de Tóquio, o Japão insiste em estar preparado "para lutar 20 anos até alcançar a vitória final", e que os japonenses receberão de bom grado qualquer invasão, por isso que assim poderão os seus estrategistas arremessar o golpe de morte contra o inimigo.

A capacidade do Japão de fazer a guerra está evidentemente se reduzindo dia a dia, mas nada ainda indica que os japonenses tenham alterado a sua decisão de lutar e continuar lutando. Contudo, nem todas as garantias dos chefes militares japonenses, no sentido de ganharem uma vitória decisiva sobre os aliados, conseguem agora diminuir, para o povo do Japão, a alta significação de tudo que ele está vendo: os tremendos efeitos causados pela guerra na sua própria pátria pela irrefreável ação dos aliados.

As contínuas perdas de unidades navais e mercantes japonenses, a inabilidade de sua esquadra e de sua aviação de dominarem os mares e os ares que constituem as primeiras linhas de defesa do império são fatos que a palavra oficial não mais pode ocultar do povo que começa a sentir, com ou sem fanatismo, os peores horrores da guerra, porque estão lhe trazendo a ruína e a destruição, incessantemente, dia e noite. Suas cidades são bombardeadas por mar e pelo ar, no mais evidente prelúdio de uma invasão por terra, prestes a descharcar-se com incomparável vigor. Este é o quadro que o povo japonês está vendo por si mesmo, em toda a sua realidade.



O adido é embaixada boliviana A. J. Martinez Vargas (à esquerda), entrega a flâmula da Federação Boliviana de Natação e Water Polo a C. Reynolds, presidente do Boys' Club de Washington, e ao sócio R. W. Pine



Sessenta clubes uruguaios oferecem uma placa aos atletas amadores dos EE.UU. Da esq. para a dir.: G. T. Kirby, Avery Brundage; Hugo Garcia, da embaixada uruguaya; E. Novos, consul em Filadélfia, e o Dr. G. C. Valliant

Dois espíões alemães, presos, processados e condenados a longa pena de prisão pela justiça chilena, escondem o rosto ao serem fotografados



Pelas Américas



O Gen. de Div. E. Ortiz, comandante da 7a. Zona Militar do México, durante sua recente visita ao Tte.-Gen. George Grunert, dos EE.UU. Da esq. para a dir.: Generais J. Peltran, diretor da artilharia; Grunert, Ortiz e R. R. Familiar



O Dr. José Luis Bustamante, presidente recentemente eleito do Perú, cuja candidatura foi apresentada pelo partido Frente Democrática Nacional. A direita: Spruille Braden, novo embaixador dos Estados Unidos na República Argentina

O banco de sangue inaugurado recentemente em Havana, Cuba, com expressivas cerimônias para auxiliar os combatentes na guerra contra o Japão. Juntamente com as en-

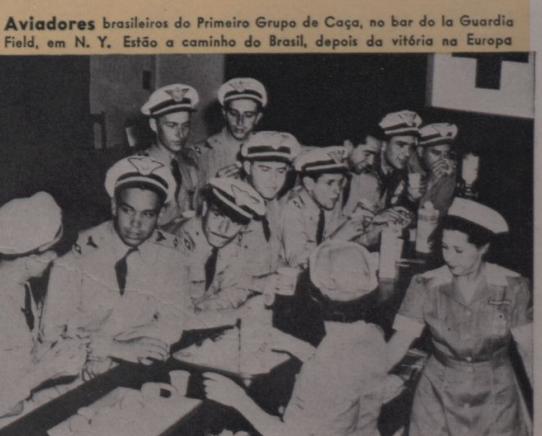
fermeiras vêem-se o representante especial da Cruz Vermelha norte-americana Alard Kaufmann, e o capitão Dr. Ellis Vaubel, do Corpo Médico do Exército dos EE. UU.



O cadete G. J. de La Guardia, do Panamá, recebe do Bankers Trust Co. o troféu conferido à melhor companhia de atletas da Escola Militar de West Point. O prêmio foi entregue pelo major-general Francis B. Wilby



O major-brigadeiro Amando Figueira Trompowsky, chefe da Fôrça Aérea Brasileira, ao pronunciar um discurso durante um jantar que lhe foi oferecido em Nova York, pela Fôrça Aérea do Exército dos EE. UU.



Aviadores brasileiros do Primeiro Grupo de Caça, no bar da Guardia Field, em N. Y. Estão a caminho do Brasil, depois da vitória na Europa



A famosa atriz em família, na sua residência de verão. Da esquerda para a direita: Sua filha Mary; seu filho Jamie, e Charles, um refugiado inglês

16

UMA GRANDE ATRIZ



O mais recente triunfo de Helen Hayes é o seu desempenho de Harriet Beecher Stowe, a famosa abolicionista, autora de "A Cabana do Pai Tomaz"

A EXTRAORDINÁRIA CARREIRA DE HELEN HAYES

PELO seu talento e personalidade, Helen Hayes é considerada um dos maiores expoentes do teatro norte-americano. De pequena estatura e grande vivacidade, suas interpretações no cinema também grangearam-lhe um lugar de excepcional destaque. Afastada da tela, temporariamente, pelo menos, a grande artista tem dado todas as suas energias ao palco e ao rádio, onde é igualmente uma das figuras de maior projeção.

Sua carreira começou muito cedo, aos cinco anos de idade. E desde então a popularidade de Helen Hayes tem crescido incessantemente, refletindo a sua incansável dedicação a uma arte, cujo prestígio ela tem fortalecido com seus trabalhos magistrais. Seu grande sucesso profissional, entretanto, em nada lhe abate o zelo e o interesse de mãe extremosa, constantemente preocupada em fruir as venturas do lar com a mesma satisfação com que estimava os sucessos de sua carreira artística.

E casada com o Coronel Charles MacArthur, escritor, atualmente em serviço ativo, havendo do casal dois filhos, Mary e Jamie. Esta é a família, o lar para o qual ela pretende dedicar-se exclusivamente depois de sua *tournée*, na interpretação do drama *Harriet*, a encerrar-se em Seattle, Estado de Washington. É uma peça baseada na vida de Harriet Beecher Stowe, a grande abolicionista americana, autora de *A Cabana do Pai Tomaz*.

Apesar de seu grande sucesso, com 415 representações em Nova York, antes da *tournée* pelo país, Helen Hayes considera como suas melhores peças, *Dear Brutus*, de Sir James Barrie; *Victoria Regina*, de Laurence Houseman, e *Mary of Scotland*, de

Sidney Howard. Na sua opinião, estes dramas deram maior vulto à literatura no teatro. *Victoria* foi, entretanto, o seu maior sucesso de bilheteria, e a crítica considerou a interpretação de Helen Hayes nesta peça melhor que em *Dear Brutus*, tendo estado no cartaz 968 dias, em Nova York e durante a *tournée*.

A peça estreou em dezembro de 1935 e, durante oito anos, a famosa atriz desempenhou o papel da grande soberana inglesa, rainha Vitória, com um sucesso de grande repercussão internacional. Em contraste, *Brutus* permaneceu no cartaz 184 noites apenas, em Nova York. A intérprete, entretanto, e com boa razão, considera o papel de Margaret, no drama de Barrie, como um dos mais importantes de sua carreira. Naquela ocasião, tinha ela apenas 18 anos. Sentia-se tão nervosa durante os ensaios que, freqüentemente, entrava em cabines de telefone para chorar, desabafar.

Mas, um dia, depois da estréia, foi ela aclamada a maior atriz do teatro de Nova York. Heywood Broun, escritor e crítico de grande reputação, dedicou-lhe, em poucas palavras, expressões do mais elevado reconhecimento do mérito da artista. Outro tanto fez Burns Mantle, crítico dos mais apreciados.

Em *Brutus*, Helen Hayes apareceu com William Gillette, já falecido, um dos grandes atores americanos. Esta circunstância teria causado excelente impressão na artista, enquanto estivesse acostumada a representar com os mais famosos atores do palco americano. Aos 14 anos, por exemplo, fez uma *tournée* com o grande John Drew, em

(Continua)



17



Com a guerra, Helen Hayes apresentou-se voluntariamente para servir como telefonista, substituindo outra que fôra trabalhar numa fábrica de material bélico



Em sua bela e agradável residência em West Nyack, Estado de Nova York, a grande artista americana encontra sossego e repouso da sua sempre intensa vida

Prodical Husband. Lembra-se ainda que o ator fazia questão que ela fosse dormir logo após o espetáculo, insistindo para isso com a mãe da futura atriz. Helen Hayes não esconde o entusiasmo pelo seu desempenho em *Mary of Scotland*, cuja estréia ocorreu em Nova York, em 1933.

O papel de Mary Stuart foi, de fato, o ideal para as habilidades da artista, e ela não poupa esforços para torná-lo um dos mais brilhantes de sua carreira. Todos quantos a conhecem louvam-lhe o extraordinário interesse em não descuidar detalhes, por menores que sejam, da sua caracterização no palco. A atriz não se contenta em seguir sólamente o original, nem se satisfaz unicamente com os ensaios. Quando é necessário, afasta-se em longas viagens a terras estranhas, na busca de realismo, da vivida caracterização dos papéis que ela deve interpretar. Quanto à arte de representar, Helen Hayes manifesta-se com idéias próprias:

"Uma artista, inquestionavelmente, armazena experiência para ser usada em ocasião oportuna. São fatos da vida profissional que se conservam na mente, sem se sentir, tornando-se, às vezes, esquecidos. Mas, não obstante, lá ficam, no subconsciente, como um recurso sempre bem-vindo.

Havia uma cena, em certa peça na qual me informavam de que meu noivo fôra assassinado. Que faz uma mulher quando recebe notícia tão pungente? Qual é o seu movimento instintivo dos braços? Eu, positivamente, não tinha a menor idéia; mas, de repente, veiu-me à mente uma fotografia que eu víra num jornal. Tratava-se do enterro de um criminoso. Sua mãe, de cabeça descoberta, estava à beira da sepultura, acompanhando com o olhar o caixão que era arriado pelos coveiros. Em altitude ligeiramente inclinada para frente, ela mantinha os braços firmemente cruzados, como que comprimindo a grande mágoa que a afligia. Foi essa a atitude que eu assumi em cena. A fotografia surgiu-me nítida, e eu cruzava os braços automaticamente."

Tudo pelo realismo

"De outra feita resolvi aplicar uma experiência própria, com resultados que ecoaram até Salsburg. Foi durante a representação de *Victoria Regina*. Logo na estréia, não estava satisfeita com o riso da soberana, já de meia idade, na cena passada em Balmoral. Depois de alguns meses de representação, notei a presença, na primeira fila, de uma interessante velhota. Logo que ouvi o seu riso, compreendi que havia encontrado o que estava procurando. Por isso, naquela noite, a cena de Balmoral teve uma interpretação estranha. Mas tive de cristalizar na minha mente aquele riso que me parecia tão verdadeiro, natural. E durante vinte minutos fiz tudo que pude para provocar o riso aquela mulher. Mas consegui memorizá-lo.

A própria rainha de Espanha, semanas depois, foi aos bastidores perguntar-me como havia eu conseguido reproduzir tão bem certos manejismos de sua augusta avó. No verão seguinte, meu marido e eu fomos a Salsburg e ali nos informaram que já sabiam do sucesso do famoso riso que eu interpretara em cena. Avistamo-nos com o Duque e a Duquesa de Kent e dêles soubemos que a rainha já lhes havia contado tudo.

Meu primeiro filme foi *The Sin of Madelon Claudet*. O cinema era, para mim, um meio novo e estranho, exigindo, por isto, especial atenção. Ademais, o papel de Madelon tinha um detalhe que precisava ser interpretado

com perfeito realismo. Ela vivia unicamente para o seu filho. Sua própria personalidade não mais existia; tudo quanto a cercava era-lhe completamente indiferente. Sómente a visão constante de seu filho lhe absorvia o pensamento. Estava eu, pois, com um sério problema. Como poderia solvê-lo a meu próprio conteúdo? O acaso veio em meu auxílio, durante uma viagem que fiz à Europa, a bordo do *Olimpic*.

Entre os passageiros notei uma mulher bastante idosa, franzina, que costumava percorrer a coberta, tôdas as manhãs, acompanhada de sua filha, moça e forte. Pequenina, de aparência desprotegida, ela usava um chapéu que, às vezes, lhe caía sobre os olhos. Quando isto sucedia, empurrava o chapéu para trás, num gesto vago, como se não tivesse consciência do que estava fazendo. Dava-me a impressão de alguém que houvesse passado pelo mundo, completamente alheia de já tê-lo deixado, entregue unicamente às suas próprias reflexões, de memórias ricas bastantes para contentá-la.

Ela era Madame Curie, que regressava a Paris com uma pequenina partícula de radium que as crianças das escolas dos Estados Unidos lhe haviam oferecido, produto de uma compra para a qual tôdas tinham contribuído com vintens.

Julguei-me de muita sorte quando me conferiram o prêmio da Academia, pela minha atuação em *The Sin of Madelon Claudet*, mas confesso que a estatueta simbólica foi entregue a quem não a merecia. De direito, pertencia a Madame Curie."

Helen Hayes reconhece que, às vezes, torna-se um tanto difícil harmonizar os afazeres de sua carreira teatral com as responsabilidades domésticas, da criação de seus filhos. "Contudo," lembra a grande atriz, "vou me desempenhar satisfatoriamente, Deus sabe como. Meus filhos, Jamie e Mary dão mostras de perfeita adaptabilidade, quando reduzem ao mínimo os efeitos da minha ausência."

Mary teve uma pontinha na representação de *Regina Victoria*, mas sua mãe não a anima a seguir o teatro. Prefere vê-la sentir-se à vontade para tomar a sua própria decisão, na ocasião oportuna.

A casa de residência da família é uma ampla casa de estilo colonial americano, situada numa região de florestas nos arredores da cidade de Nova York. Seus aposentos estão decorados com numerosos objetos de arte.

Helen Hayes, que é muito dada à leitura, prefere fazê-lo à noite, depois de terminados os afazeres que lhe consomem longas horas. Sua leitura preferida, além da literatura teatral, é a que se refere aos fatos correntes da vida, as novelas, romances e, particularmente, o romance misterioso. Apesar de consumada dona de casa, detesta ir às compras, e reconhece que, quanto a habilidades culinárias, seus méritos estão abaixo da crítica.

Helen Hayes nasceu em Washington, a capital americana, em 1900, filha de Frank Van Arnum Brown e Catherine Hayes Brown. O nome Hayes, ela o adotou na sua carreira artística. Sua mãe era extremamente apaixonada pelo teatro e fez todos os esforços para proporcionar à filha as melhores oportunidades num início digno dos maiores estímulos.

Lew Fields, então famoso produtor de comédias musicadas, teve ocasião de observar Helen, quando tinha ela apenas cinco anos, em um número de dança, durante um festival realizado em Washington. Na bilheteria, o produtor declarou-se exelentemente impressionado com a pequenina dançarina. Helen, de fato, tentou a sorte em Nova York, com outros. Mas foi Lew Fields, afinal, quem lhe abriu as portas da fama, na opereta *Old Dutch*.



Dois professores cegos ensinando a leitura pelo Braille a uma das turmas. O novo edifício tem um dormitório com capacidade para 150 alunos

O AUXÍLIO AOS CEGOS NO PERÚ

HÁ quatorze anos, no Perú, quatro jovens cegos resolveram ajudar seus companheiros de infarto, prestando-lhe toda a assistência que pudesse contribuir para que se tornassem úteis a si mesmos e à sociedade. Fundaram então a Union Nacional de Ciegos de Perú. Hoje, a união, já auxiliada pelo governo e muitos particulares, oferece aos cegos um valioso ensaio para se educarem, trabalharem em várias profissões, cuidarem de sua saúde, divertirem-se, sentindo-se, enfim, garantidos no presente e no futuro.

As crianças cegas, de até 12 anos, frequentam a escola de cegos e surdo-mudos perfeitamente instalada em Barranco, perto de Lima, estudando sob a direção de freiras franciscanas, cujo trabalho educacional foi iniciado por freiras dominicanas.

Para a educação profissional há outra escola com capacidade para 300 alunos, inaugurada o ano passado, em edifício doado pela Municipalidade de Lima, de acordo com o testamento de um distinto cidadão. A escola, depois de completa, terá sete oficinas, numerosas salas de aula, ginásio, amplos recreios, salões de concertos e de conferências, enfermaria, laboratórios, capela e piscina. É uma escola mixta, masculina e feminina. Nas oficinas, os homens aprendem vários ofícios, de carpinteiro, encadernador, colchoeiro, etc., e as mulheres dedicam-se a trabalhos de costura, de artigos de palha e tecelagem de tapetes, preparando-se para profissões que lhes assegurem um meio de vida lucrativo e de grande valor ocupacional.

Não mais ficarão os cegos restritos em suas atividades. Sob o programa de proteção e amparo organizado no Perú, podem passar da escola profissional para outros estabelecimentos de ensino superior, ou, no caso de ob-



Sta. Elena Gaffron, diretora-presidente da União Nacional de Cegos, do Perú

tenção de bônus, estudar no estrangeiro. Já há duas bônus criadas especialmente para estudantes cegos e surdo-mudos chilenos.

A união peruana de cegos proporciona completo serviço médico aos seus membros, facilitando-lhes estadia em hospitais e temporadas em climas apropriados nos casos indicados. Há também o seguro de vida e um sistema de empréstimos e caixa econômica. Da biblioteca da escola constam numerosos volumes em Braille, alguns encadernados pelos próprios alunos, outros oferecidos por várias organizações dos Estados Unidos e de outras repúblicas americanas. A nova biblioteca pública de Lima está preparando diversos livros em espanhol e outros idiomas transcritos em Braille, assim como discos fonográficos contendo trechos e lições de proveito para os cegos. Um dos importantes projetos sendo considerados pela união é a construção de uma pequena "comunidade de cegos," conjunto de modernas casas de apartamentos ocupadas exclusivamente por cegos e suas famílias, a preços módicos. Serão casas situadas em amplo terreno, com jardins, pontos de recreação, lojas cooperativas e administradas, em parte, pelos próprios cegos. A iniciativa está encontrando um apoio generalizado. Com o fim de despertar no público a importância das necessidades dos cegos e, ao mesmo tempo, ativar o interesse nos trabalhos preventivos, o governo peruano instituiu a "Semana do Cego," durante a qual se evidenciam o valor e a urgência do seu amparo e proteção. Os dez mil cegos do Perú tornaram-se um extraordinário exemplo de proveitosas atividades, a despeito de todas as dificuldades, honrando assim o espírito de beneficência de seus compatriotas que tanto estão contribuindo para a realização dessa obra.

As alunas aprendem a fazer tapetes, roupas, "sweaters", luvas e vários artigos de vestuário. A instrutora que vemos nesta gravura não é cega

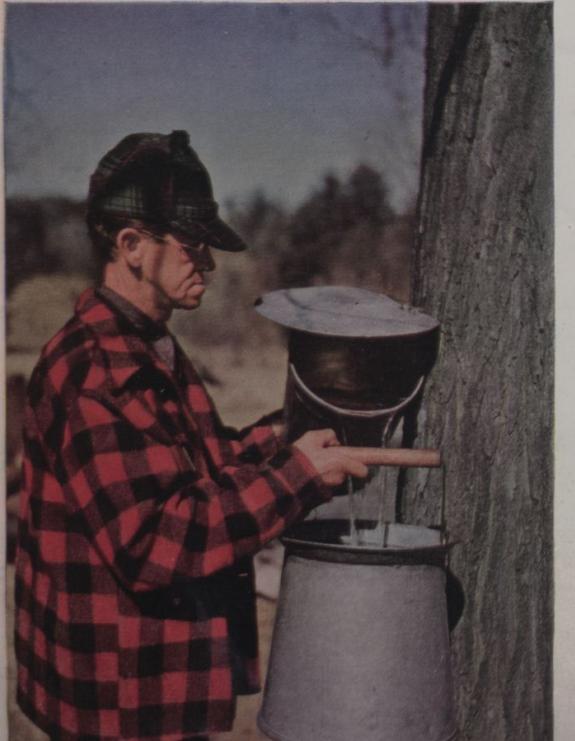




Uma cena típica da colheita do suco da árvore, afim de ser transformado no popular mel e no excelente açúcar de uso generalizado nos Estados Unidos

O Suco do Bôrdo

A paciente colheita feita ainda por métodos primitivos. O balde é protegido para garantir a qualidade do produto, e a extração é feita com intervalos



A COLHEITA do suco do bôrdo é uma das mais antigas e interessantes nos Estados Unidos, permanecendo alheia a tódas as inovações introduzidas na agricultura. Nas pequenas plantações da Nova Inglaterra e ao longo do litoral do Atlântico, os modernos aparelhos são, todos os anos, postos de lado, durante a temporada da primavera, cedendo lugar aos tradicionais baldes; os tratores são substituídos por velhos carros de bois, ou tirados por cavalos; e, homens, mulheres e crianças entregam-se ao trabalho de colher das árvores o precioso suco cuja produção começa logo que a temperatura de inverno cede aos primeiros albores da primavera.

O suco é colhido da mesma maneira usada pelos índios há centenas de anos passados: fazendo um orifício na árvore, inserindo um tubo e deixando cair o líquido num balde. Por este simples processo manual extrai-se anualmente dez milhões de litros. A colheita geralmente dura cinco semanas, sendo importante fonte de renda para os agricultores que exploram o negócio, pois o suco do bôrdo entra como elemento obrigatório na economia doméstica.

Uma visita à plantação de Leon Trow, no Estado de Nova Hampshire, dá-nos uma ideia da pitoresca safra. Há nesta plantação 300 pés de bôrdo em plena produção. Durante o tempo da colheita, o trabalho tem sempre a participação de colegiais das cidades vizinhas, os quais ajudam a extraí o suco e a transportá-lo para os grandes tanques. Depois de esgotada a produção de cada árvore, o orifício é cuidadosamente arrolhado para facilitar a subida do suco vital ao desenvolvimento dos galhos e da folhagem. Com e devido cuidado, uma árvore chega a durar cem anos, produzindo sempre. Nesta plantação de Nova Hampshire, os bôrdos produzem o suco pronto para extração depois de um período que varia entre 40 e 50 anos, aumentando a produção com a longevidade da árvore. Cada árvore produz 48 litros de mel por ano.

Depois de colhido em baldes, o produto é depositado em grandes tachos especiais para a fervura, e, finalmente enlatado para o comércio. Em geral, 40 baldes de suco produzem um balde do mel pronto para o con-

sumo, sendo a produção total anual da plantação de mil litros. Grande porção do suco é reduzido a açúcar e vendido aos fabricantes de balas e bonbons. O xarope é doce e presta-se para um tipo especial de confeitos. Produz-se também a rapadura. Tanto esta como o mel são muito procurados pelos turistas. O açúcar do bôrdo é também usado na preparação do fumo, emprestando-lhe um sabor bastante preferido pelos fumantes de cachimbo.

A maioria das plantações de bôrdo nos Estados Unidos estão localizadas nas regiões montanhosas de Nova Inglaterra, e, durante o inverno ficam inacessíveis por causa da grande quantidade de neve que cobre o solo. A guerra e sua consequente escassez de açúcar deu à safra do suco do bôrdo um valor especial, por isso que a sua produção entrou para a categoria dos trabalhos indispensáveis ao esforço bélico. O açúcar do bôrdo está no mesmo par do açúcar de cana e do de beterraba, enquanto estes dois últimos produtos são consumidos em grandes quantidades na fabricação de álcool necessário para munições e outras aplicações de material de guerra. E a participação dos colegiais nos trabalhos da safra contribui para aliviar a escassez de mão de obra, também sentida, consideravelmente, em tódas as atividades do campo.

Melhorando o produto

O aproveitamento do açúcar do bôrdo data do tempo em que chegaram os primeiros colonizadores a Vermont, no século dezesseis. Desde então, o consumo tem se resumido inteiramente ao continente norte-americano.

Con quanto seja uma indústria que nunca ocupou lugar proeminente na economia do país, permanece como uma safra vital para os pequenos agricultores da Nova Inglaterra, servindo para abastecê-los de um produto de consumo obrigatório e que conta com um mercado certo.

Aprenderam a indústria com os índios, que costumavam chamar *lua do açúcar* à temporada da calheita do suco do bôrdo. Os primeiros métodos de produção eram bastante rudimentares, e o mel usado pelos pioneiros era escuro e quase sem gosto algum. Naquele tempo as árvores eram talhadas a machado, um processo que causava muito desperdício, arruinando grande número de árvores. O suco era colhido num longo pátio óco, em forma de barril e depois fervido até tomar o ponto necessário em caldeirões de barro, ao ar livre. O processo de colher o suco pouco mudou no decurso de tantos anos, mas o tratamento do produto, pela evaporação, conforme faz Leon Trow, colocou a indústria gradativamente numa base mais aperfeiçoada, uniformizando a qualidade do mel e do açúcar.

O evaporador é um longo fogão retangular, de ferro, com várias divisões internas pelas quais o produto passa em seus vários estágios de evaporação, até cair num compartimento dotado de torneiras para dar passagem ao mel, afim de ser enlatado para o grande mercado consumidor.



Um grande tacho especial ajustado a um trenó, para facilitar o transporte sobre a neve, serve de depósito do produto colhido nos pequenos baldes



Tirado por cavalos e às vezes por bois, o trenó com o tacho grande segue para o local onde se procede à fervura do suco, beneficiando-o para o consumo



Pronto para o processo da fervura. Aqui vemos os homens preparamo-se para o trabalho que é feito em pleno rigor do inverno, em princípios de fevereiro

OS AVIÕES BOLIVAR



O novo avião "Bolívar" passa a pronto para a guerra, em expressiva cerimônia realizada na Consolidated Vultee Aircraft Corporation, em Tucson, Texas

Em plenos ares, sobre a vastidão do Pacífico, ruge, um gigantesco avião de bombardeio, o *Bolívar II*. Como o grande herói sul-americano que lhe serve de cognome, também é um denodado libertador. Os aviadores que compõem a tripulação dêste enorme bombardeiro bem sabem que têm duas gloriosas tradições a honrar: os feitos imortais de Simón Bolívar e a brilhante fôlha de serviço de guerra do primeiro modelo B-24 *Liberator*, expressivamente denominado *Bolívar*.

Este primeiro bombardeiro teve uma carreira extraordinária. Tomou parte em 81 missões, o que constitui um verdadeiro recorde, fazendo-o sempre com perfeito sucesso, até que, ao alcançar as plagas pâtrias, também numa missão importante, um inesperado acidente o deixou irremediavelmente perdido, a milhares de milhas da zona de guerra, onde dera tantas contínuas provas de seu valor contra o inimigo.

Seus tripulantes constituíam um núcleo bem representativo de sua pátria, rapazes oriundos dos campos da Nova Inglaterra e do Texas, e das grandes metrópoles, como Nova York e Filadélfia. Três guarnições de combate, compostas de nove homens cada uma, o haviam guiado em suas missões, quando fazia parte da Sétima Fôrça Aérea dos Estados Unidos, em operações na área central do Pacífico. Nunca teve um tripulante morto ou ferido em combate e desempenhou cabalmente todas as missões que lhe foram confiadas, isto é, voando até o objetivo, bombardeando-o e voltando gallardamente à sua base. Foi tal a admiração que o *Bolívar I* despertou entre o pessoal da Sétima Fôrça Aérea, que o grupo do qual fazia parte o avião mereceu a denominação de *Grupo Bolívar*.

Era um justo tributo ao poderoso *Liberator* que também fazia sua contribuição para a história. Rompendo os ares, a uma velocidade, às vezes, de mais de 450 quilômetros horários, o aparêlho foi um dos que se distinguiram na primeira ofensiva contra o inimigo, nas ilhas Gilbert, em 13 de novembro de 1943. Mais tarde lançou tremendas cargas de explo-

sivos sobre outras posições inimigas em ilhas consideradas de grande importância estratégica na ofensiva contra o Japão — as ilhas Marshalls, as Carolinas, Marianas e Bonis. Ao termo de sua carreira, estava participando no ataque contra instalações de guerra japonesas, situadas a 960 quilômetros de Tóquio.

Durante um de seus raides contra a ilha de Jaluit, do grupo das Marshalls, o contra-ataque aéreo foi tremendo. Mas os feitos do *Bolívar* já eram tão conhecidos dos americanos como dos próprios japoneses, e estes estavam à espreita. Nesse memorável encontro aéreo, os caças inimigos fizeram tudo para abater o poderoso bombardeiro. Suas metralhadoras, porém, respondiam incessantemente, vencendo tôda a oposição, tornando-o um verdadeiro terror dos ares.

Provas de resistência

Colocadas estrategicamente, na cauda, no centro, em cima da fuselagem e na frente, suas armas conservavam à respeitável distância o atrevido inimigo. Enquanto isto, o avião prosseguia célebre rumo ao objetivo, onde o aguardava o fogo de formidável artilharia anti-aérea, formando densa nuvem de fumo. O *Bolívar*, entretanto, executou a sua missão e regressou, como sempre regressava, impávido, à sua base. Houve, porém, um raide em que o avião teve um dos pneumáticos do seu trem de aterrissagem perfurado por estilhaço de granada. Mas isto não impediu que o bombardeiro, habilmente dirigido, fizesse sua aterrissagem numa roda só, ao chegar ao campo. Nesta ocasião foram constatados numa das asas, 40 orifícios causados por projéteis anti-aéreos. Quando chegou, porém, a hora de partir para mais uma missão, o bombardeiro estava pronto para voar.

Antes de ser decidida a sua volta aos Estados Unidos, onde iria ser exibido aos operários das indústrias bélicas, o avião já havia completado

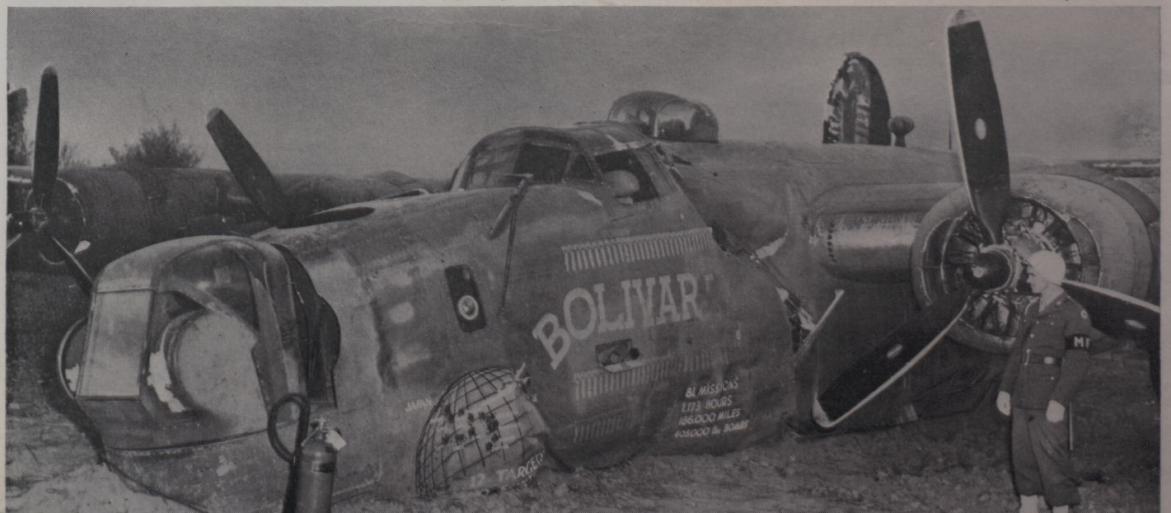


A guarnição do primeiro bombardeiro "Bolívar" completou 81 missões na área do Pacífico, antes de ser o avião posto em exibição nos Estados Unidos

81 missões, num total de 1.173 horas de vôo em combate. Durante este período, percorreu 297.600 quilômetros e lançou 200 toneladas de explosivos. O *Bolívar* chegou, afinal, aos Estados Unidos para ser exibido triunfalmente. Milhares de operários da indústria aeronáutica o apreciaram em Tucson, por ocasião da chegada. Aterrissou magestosamente, mas ao rolar para o lado oposto do campo, o invencível nos ares perdeu a direção e chocou-se, sofrendo danos irreparáveis. Os operários, consternados, resolveram imediatamente fazer uma subscrição para a compra

de bonus de guerra, em quantidade suficiente para custear a construção de um segundo *Bolívar*, mais poderoso e mais veloz que o primeiro, equipado com torres movidas automaticamente. Construído o *Bolívar II*, portador de uma placa comemorativa da gloriosa carreira do seu predecessor, já se reuniu à Sétima Fôrça Aérea, tomando parte em tôdas as missões que, cada vez mais estão contribuindo para esfacelar os redutos fortificados do inimigo. A despeito de todos os seus ardós, os japoneses apavoraram-se ante a impossibilidade de contrapor a tal poder aéreo.

Apesar de voltar incólume de suas missões contra o inimigo, o primeiro "Bolívar" ficou destruído na Califórnia, devido a um desarranjo nos freios



ALIMENTO PARA OS QUE TRABALHAM

AVULTA DE IMPORTÂNCIA O REGIME ALIMENTAR ADOTADO NA INDÚSTRIA NORTE-AMERICANA

UM inovação de tempo de guerra, o programa de manter bem alimentados os operários que trabalham na produção bélica, está dando excelentes resultados, aumentando a eficiência da mão de obra e economizando valioso tempo antes consumido na preparação da alimentação doméstica ou em restaurantes afastados das fábricas. O sistema de alimentação industrial mostra ser de tanto valor prático que já se cogita de formular planos para a sua adoção permanentemente em tempo de paz. A idéia medrou da urgente necessidade de solver o problema alimentar nas fábricas onde milhares de operários enfrentavam a carência de recursos motivada pela própria guerra. Em ação conjunta, empregadores e empregados, com o apoio e ajuda das autoridades, formularam o plano que se consubstanciou num programa de vastas proporções.

Causas principais

A indústria de armamentos e de material bélico em geral, com a guerra em duas frentes, sem precedentes na história, desenvolveu-se a tal ponto que deslocou milhares de trabalhadores do campo e das pequenas cidades, atraindo-os para os grandes centros industriais, alguns destes surgidos da noite para o dia, sob a premência da situação. O problema alimentar de tão grande número de operários, por mais que fosse resolvido segundo cada caso em particular, deixava muito a desejar, e não tardou que se agravasse, refletindo-se na eficiência dos que trabalham e, consequentemente, nos resultados da produção. Aumentava o número dos que se apresentavam tarde para o trabalho; crescia o número de acidentes nas fábricas, e também os casos de extrema fadiga, obrigando os operários a terem freqüentes períodos de férias. E alguns deixavam de trabalhar completamente pela impossibilidade de poderem contar com uma alimentação apropriada, a hora e a tempo.

Os empregadores, impressionados com uma situação que parecia se agravar, entraram a investigar, chegando à conclusão de que o remédio estava em melhorar o sistema alimentar dos empregados, até então geralmente mal organizado.

Servindo a sobremesa aos operários numa grande fábrica de armamentos, sob o eficiente regime alimentar de guerra adotado nos EUA, para manter ininterrupta a produção e proteger a saúde dos que trabalham

Havia várias razões para isto. Algumas das novas fábricas estavam localizadas a grandes distâncias dos centros urbanos, onde é fácil o acesso aos armazens e restaurantes. Outras tinham apenas um pequeno restaurante para servir milhares de operários. Muitos destes estavam residindo em casas de emergência, habitações especialmente construídas para alojar operários da indústria bélica, e nas quais não podiam êles preparar uma alimentação apropriada. Evidenciava-se a necessidade de manter sadios e bem dispostos os operários, pois só assim poderia esperar-se deles a eficiência necessária.

Em agosto de 1942, por sugestão do Presidente Roosevelt, reuniram-se representantes do governo, dos empregadores e dos empregados para tratar da solução do caso. Desta reunião resultou ser criada, pelo governo federal, a Comissão de Alimentação Industrial, subdividida em comissões locais em cada fábrica. Entregue o caso ao estudo de especialistas em nutrição, organizou-se o plano de ação extensiva aos grandes estabelecimentos fabris no país inteiro.

Hoje, cerca de nove milhões de operários alimentam-se, nas horas de trabalhos, em restaurantes existentes dentro das próprias fábricas. A dieta é especialmente preparada, visando a natureza de atividade dos que dela se servem, sendo que a qualidade da alimentação supera a dos restaurantes públicos.

Antes de ser estabelecido o programa alimentar industrial, havia, por exemplo, o caso de milhares de operários de estaleiros de construção naval. Obrigados pelas circunstâncias, os que podiam, levavam o seu próprio almoço, preparado da melhor maneira possível; outros, em grande número, alimentavam-se em pequenos restaurantes, acanhados e mal supridos, cuja única vantagem era ficarem situados nas imediações.

Agora, os estaleiros dispõem de seus próprios restaurantes, higienicamente instalados, oferecendo grande variedade e quantidade de alimentação para abastecer de 700 a 1.000 homens.

Há ainda o serviço ambulante, de pequenos carros conduzindo refeições, para facilitar a distribuição.

Na Califórnia, numa fábrica de aeronaves, um amplo refeitório acomoda 2.500

Combatendo a má alimentação e a sub-alimentação, uma das causas da baixa produção industrial



Com a adoção do regime alimentar apropriado e as refeições servidas nos próprios estabelecimentos industriais tem-se uma medida útil também na paz



O MARECHAL DE AYACUCHO

OS MEMORÁVEIS FEITOS DE ANTONIO JOSÉ DE SUCRE, LIBERTADOR DA AMÉRICA

O GRANDE libertador Simón Bolívar disse uma vez que "se Deus lhe desse o direito de escolher os membros da sua própria família, escolheria a Sucre para seu filho." O homem a quem Bolívar demonstrava tanto afeto era

Antonio José de Sucre, o seu braço direito, cuja breve existência foi dedicada às lutas pela liberdade. A história deu a Sucre pouco tempo para se preparar para os prementes acontecimentos de sua curta vida. Ele mesmo afirmara: "Não me envergonho de confessar que cresci em meio de guerras e revoluções; que minha educação foi obtida na escola do soldado; e que pouco sei de assuntos políticos." Contudo, suas incansáveis atividades estavam destinadas a influir grandemente no futuro de nações que ainda nem existiam.

O operoso menino de Cumuná, na Venezuela, aos 13 anos já estudava matemática, preparando-se para a carreira de engenheiro, quando irromperam as guerras da independência. Apesar de sua idade, Sucre alistou-se, pegando em armas para bater-se em sua própria pátria pela causa revolucionária.

Serviu primeiro sob a chefia do general Francisco de Miranda, em 1811, no comégio da guerra, destacando-se dentre os poucos com coragem bastante para tentar reconquistar, em 1813, a sua pátria ocupada. A campanha da independência prosseguiu, entretanto, desfavoravelmente, e, em 1814, Sucre refugiou-se na ilha de Trinidad. Não se deixando desanamar pelos revezes sofridos nas primeiras lutas pela liberdade, Sucre mereceu a decidida lealdade de seus companheiros de armas e ascendeu rapidamente nos postos de comando no exército libertador. O jovem patriota já havia então ligado a sua vida e a sua sorte às lutas pela independência.

Quando soube, em Trinidad, que um novo movimento libertador estava em vias de execução em sua pátria, apressou-se imediatamente em se aliar às forças revolucionárias. A princípio, a sorte lhe foi adversa, pois, o barco que o conduzia de Trinidad foi ao fundo e Sucre, para salvar-se, ficou agarrado aos destroços que boiavam, durante 20 longas horas, esperando socorro.

Aqueles que o salvaram, mal imaginavam que, dez anos mais tarde, em Pichincha, ele seria o comandante das forças empenhadas numa das batalhas mais decisivas da independência americana. A esse tempo, mais ou menos, Sucre e Bolívar tornaram-se grandes amigos, conquanto as circunstâncias que marcaram o seu primeiro encontro não fossem de modo a fazer amigos. Conta-se que, após a batalha de Boyacá, Bolívar, ao descer as águas do Orinoco, numa embarcação, encontrou uma canoa que vinha rio acima. Bolívar, indagou, em tom energico: "Quem vem lá?" "E' o general Sucre," foi a resposta.

"Não existe esse general!" atalhou Bolívar, mandando parar ambas as embarcações, junto à ribanceira. Aproximaram-se e falaram durante alguns momentos — e separaram-se amigos para o resto da vida.

A histórica batalha de Pichincha, em 1822, foi das mais espetaculares, sendo travada em terreno a mais de quatro mil metros acima do nível do

mar, e podendo ser vista pelos habitantes da cidade de Quito, que lhe fica abaixo. A grande vitória de Sucre sobre as forças espanholas selou a independência do Equador, da Colômbia e da Venezuela. No ano seguinte, o Peru pediu ajuda, e Sucre foi mandado por Bolívar para Lima. Em 1824, as tropas espanholas reentraram em Lima, e Sucre assumiu o comando das tropas revolucionárias. Os acontecimentos estavam tomando forma para o maior feito da carreira de Sucre — a batalha de Ayacucho, considerada tão decisiva quanto a de Waterloo, da guerra napoleônica. Situada entre Oroya e Cuzco, região que agora constitui o Peru, a planicie de Ayacucho, pequena e afastada, já era um tradicional campo de batalha dos antigos Incas.

Tal como a histórica Pichincha, Ayacucho fica situada em considerável elevação acima do nível do mar, cercada pelos picos andinos. Por dois meses Sucre, com rara habilidade tática, conseguiu colocar os espanhóis no local que mais lhe convinha. De acordo com a opinião do próprio Bolívar, a preparação foi perfeita e a execução completa. Numa hora apenas, Sucre, dispondo de forças cujo número correspondia à metade das do inimigo, conseguiu desbaratar o bem organizado exército hispano, que, havia 14 anos, estava sendo vitorioso. Estava assim definitivamente terminada, no hemisfério ocidental, a dominação espanhola que datava de 300 anos. Com a terminar da luta pela independência, Sucre teria julgado que, afinal, encontrara o sossêgo da vida a que tanto aspirava.

Sua esposa vivia em Quito, onde ele conseguira passar apenas alguns meses na sua companhia. A única filha do casal, nascida em 1829, pouco conhecia o pai. Sucre ansiava voltar a Quito, longe das preocupações bélicas, para se entregar unicamente ao seu lar e à família.

Mas, apesar de estar terminada a luta nos campos de batalha, a liberdade não estaria segura enquanto os governos representativos não fossem estabelecidos, elaborando as constituições básicas asseguradoras dos direitos dos cidadãos. Se Sucre alcançou menos sucesso nesta fase de sua carreira do que como líder militar, absolutamente não foi por lhe faltar a integridade necessária ou um extremado amor pela liberdade.

Uma consequência direta da vitória de Ayacucho foi a libertação do baixo Perú. O alto Perú, agora Bolívia, também libertou-se da dependência hespanhola, tornando-se uma república. Bolívar foi feito seu primeiro presidente, tendo Sucre como seu substituto eventual. A primeira reunião da constituinte boliviana realizou-se em Chuquisaca, agora cidade de Sucre, em 1826, e proclamou a Sucre presidente vitalício da nova república, o que ele recusou, aceitando a investidura apenas por dois anos.

Retirou-se mais tarde para Quito, mas em 1830, Sucre foi indicado para presidir um congresso reunido a instâncias de Bolívar, em Bogotá, com o fim de salvar a unidade da Grande Colômbia. O congresso falhou em seus desígnios, e quando Sucre regressava ao lar, desiludido, foi assaltado nas florestas perto de Pasto, na Colômbia, e assassinado. Conquanto Sucre tivesse passado pela vida rapidamente, morrendo aos 35 anos, a América o honra e enaltece como um de seus filhos imortais.

A BOUBA ou framboésia, uma das piores doenças dos trópicos, temida em tantos países de clima quente, está afinal condenada à extinção na República do HAITI. Haitianos e norte-americanos, em ação conjunta para debelar o mal, estão usando as drogas mais modernas, inclusive a penicilina. Antes de 1943, os médicos haitianos verificaram que poucos resultados poderiam ser conseguidos contra a doença, sem um programa de ação generalizado. Quase 85 por cento da população rural da república é atacada pela doença. Sendo uma doença da pele, altamente contagiosa, a bouba se espalha facilmente pelo contato direto ou pelo contato de objetos contaminados. Conquanto a vítima da doença possa ser curada, nunca está imune de contrair novamente o germe. Manifesta-se dolorosamente em seu primeiro e segundo estágios, sendo que, no terceiro, incapacita finalmente a vítima.

A fim de organizar o combate a um mal tão radicado, o Dr. Jules Thebaud, diretor geral do Serviço de Higiene solicitou e obteve a cooperação profissional das autoridades norte-americanas para encetar uma campanha efetiva. Começou esta em 1943, pela Missão Sanitária Americana do Escritório de Assuntos Interamericanos, como parte do programa lançado sob os auspícios do Serviço de Higiene. O programa de ação está a cargo de pessoal haitiano e norte-americano, sob a direção do tenente-coronel médico Dr. James H. Dwinelle. O presidente Elie Lescot, do Haiti, Adrién Roy, representante do governo haitiano junto à Missão Sanitária Americana, assim como outras altas autoridades da república têm manifestado por tódas as maneiras o seu apoio à execução do valioso projeto.

A fim de tornar permanente os resultados da campanha, seus diretores foram acordes na construção de clínicas especiais nas áreas infestadas pela doença. Todos os membros de cada família contaminada são submetidos ao tratamento, até se debelar o mal na localidade. Feito isto, a clínica passa a funcionar noutro ponto, estendendo assim a sua ação pela massa da população rural, que aos poucos vai se beneficiando do tratamento.

O Combate à Bouba no HAITI

E O SUCESSO DAS NOVAS DROGAS



O capitão Alfred Sheldon, da Missão Sanitária, falando com alguns dos enfermos, na Clínica de Grand Gouave, no HAITI

Segundo informa o Dr. Dwinelle, chefe da missão médica, "este plano está dando os melhores resultados, pois o trabalho feito em cada região é completo."

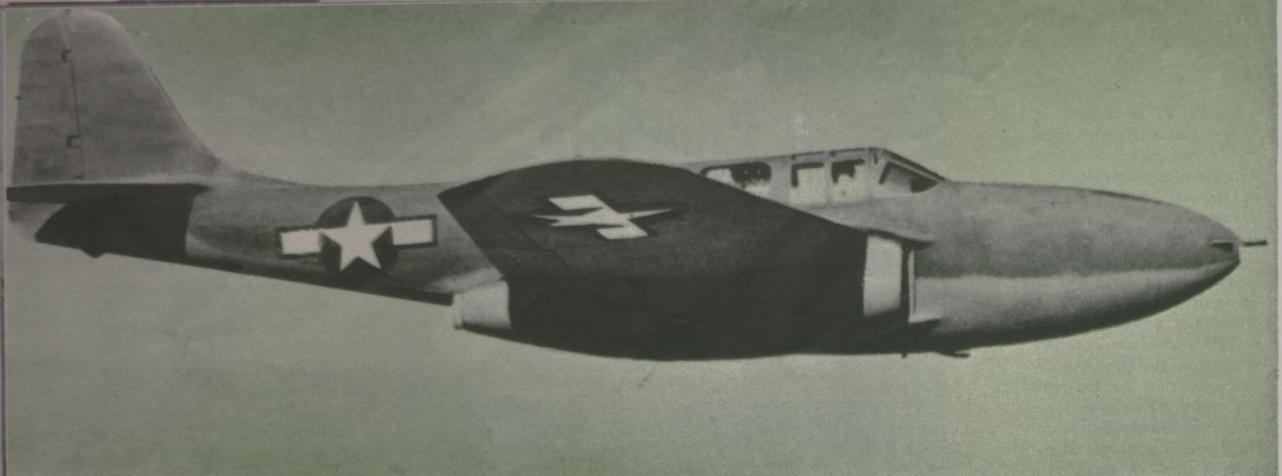
A primeira clínica estabelecida pela missão foi em Gressier, que desde então se tornou um posto de preparação do pessoal encarregado dos trabalhos de tratamento e profilaxia. Há atualmente em estágio preparatório uma média de 10 médicos e enfermeiras, habilitando-se durante certo período, em todos os detalhes necessários para a continuação do programa. Outras clínicas, organizadas em Cayes-Jacmel, Savane Zombi, Côtes-de-Fer, Kenskoff, La Vallée e Grand Gouave, também oferecem tratamento gratuito.

O tratamento voluntário tem alcançado sucesso. Logo que se verifica a cura de uma família, os vizinhos apresentam-se para o tratamento. Um total de 160.000 casos já passaram pelas clínicas, e os tratamentos atingem 560.000. É comum morarem os doentes a 60 ou 70 quilômetros de distância e, durante o período de cinco dias de aplicação da série de tratamentos, eles acampam de bôa vontade nas proximidades das clínicas. Os trabalhos são executados pelos especialistas norte-americanos e 50 médicos haitianos e respectivos auxiliares e enfermeiras. O tratamento é feito com sulfurefamina, mafarsan e salicilato de bismuto, de resultados tão satisfatórios na cicatrização de lesões que, segundo informam as autoridades sanitárias, alguns doentes, julgando-se completamente curados, não mais voltam para os exames finais periódicos.

Os médicos julgam que o emprego da penicilina, tão efetiva no tratamento de numerosas doenças, será de decidida vantagem para acelerar a cura da bouba. Em dezembro do ano passado a missão médica começou a experimentar, aplicando injeções intramusculares de penicilina sódica em vários casos da doença. No hospital central de Port-au-Prince, 200 doentes com lesões primárias e secundárias foram selecionados para o tratamento pela penicilina. Submetidos a exames, físico e sorológico, antes e depois do tratamento, voltam todos os meses, para observação, durante um ano.

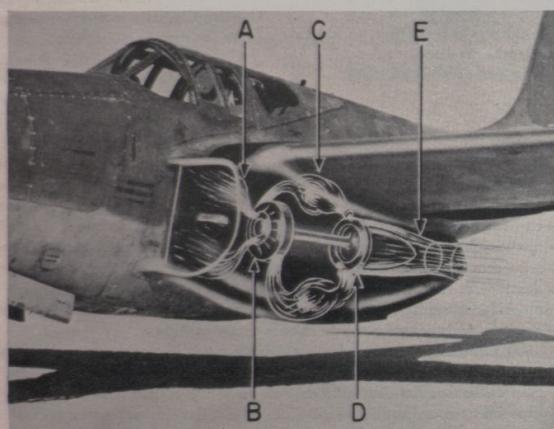
Doentes e o pessoal da clínica de Gressier reunidos em frente ao pequeno edifício no qual se centralizam os trabalhos de ataque ao mal





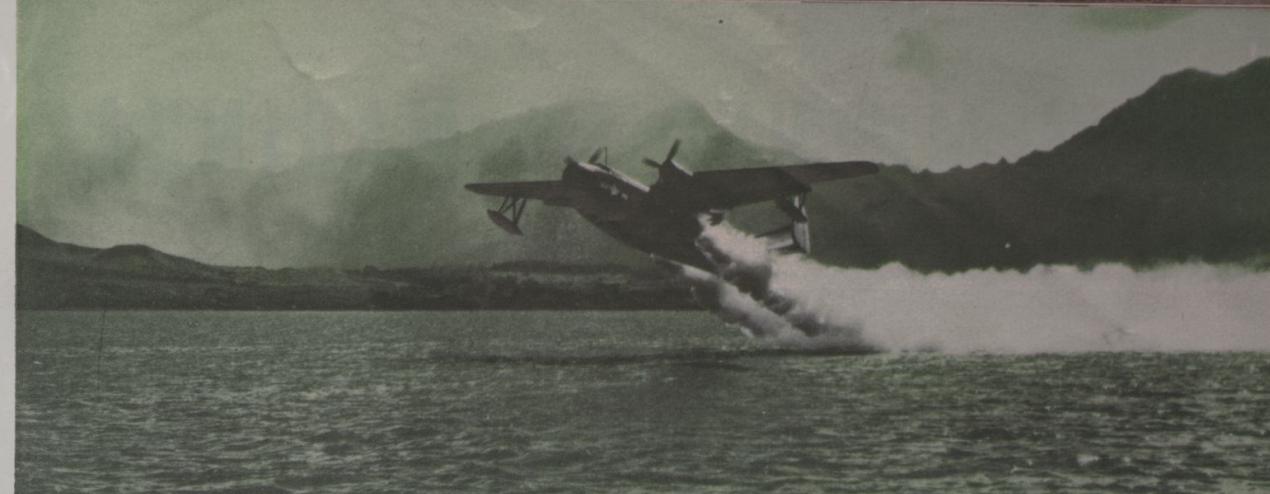
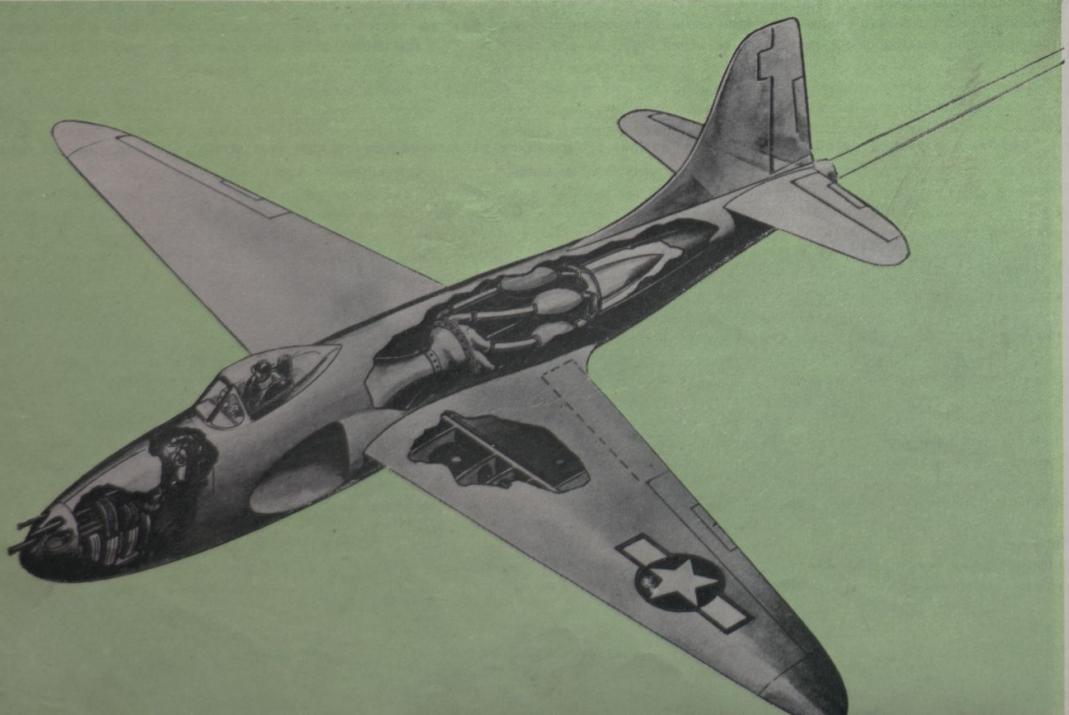
O caça "Aircomet" P59A em voo. É o primeiro avião norte-americano aperfeiçoado, de propulsão por jacto, sem hélice. Faz parte da Força Aérea

JACTO-PROPULSÃO



O APERFEIÇOAMENTO dos métodos de jacto-propulsão aplicada à aeronáutica, um dos segredos mais velados destes últimos tempos, fará que os aviões cruzem os ares a uma velocidade igual senão superior à do próprio som. Contudo, a idéia não é nova, pois, já no primeiro século da Era Cristã, Heron de Alexandria, filósofo, mecânico e geômetra, inventou um aparelho baseado no princípio da jacto-propulsão. O aparelho chamava-se *seolípila*, mas naquelas tempos não demonstrou utilidade prática. Consistia numa esfera com dois orifícios pelos quais se dava o escapamento do vapor que a fazia girar. Serviu, entretanto, para demonstrar praticamente um princípio desde então bastante utilizado pe-

Na gravura à esquerda vê-se um esquema do mecanismo do motor a jacto, no primitivo avião P-59A. O ar entra pelo ponto A, e passa para o compressor em B. Na câmara C dá-se a mistura do combustível com o ar comprimido, produzindo a explosão. Ao escapar pelo bocal E, o gás produz, pela reação, a energia que impulsiona o avião. Na gravura abaixo: corte transversal mostrando o motor turbo-jacto, facilmente removível, na fuselagem. Ambos os motores utilizam os mesmos princípios de propulsão pela reação produzida no mecanismo motor pela ação dos gases que por ele se movimentam a uma grande velocidade. Os futuros motores a jacto, ainda em projetos, não terão compressor nem turbina, usando apenas deflectores para comprimir o ar. Serão construídos sem nenhuma peça móvel



A jacto-propulsão é usada como auxiliar nos motores comuns de avião. Na decolagem, os jactos aumentam consideravelmente a força de ascenção

los homens de ciência. Graças a maiores conhecimentos no campo dos metais e suas propriedades, a sua aplicação, ultimamente, tem avançado com decididos proveitos. O princípio da propulsão por jacto é simples. Baseia-se na mistura do ar com um gás qualquer dentro dum a câmara. O gás, depois de comprimido e aquecido, é feito explodir, provocando uma reação; escapa, então, por um tubo especial, com grande velocidade, produzindo fôrça capaz de impulsionar um avião. Este sistema de propulsão de certo influirá grandemente na forma, na velocidade, eficiência e conforto da aeronave futura, revolucionando as aplicações no sempre crescente domínio da aeronáutica. Suas possibilidades são incalculáveis, e os técnicos ativam suas pesquisas com extraordinário interesse, animados pela certeza dos resultados.

Os primeiros aviões fabricados logo depois da guerra, para o serviço de passageiros ou de cargo, ainda terão o motor comum; mas dentro de dois ou três anos do restabelecimento da paz é de esperar que todas as aeronaves sejam dotadas de turbinas a gás. Ver-se-á então a generalização do uso do avião como meio de transporte ao alcance de todos, segundo já antevêem os técnicos. Dentro de uma ou duas décadas, pequenos aviões, de tipo helicóptero talvez, acionados pela jacto-propulsão serão para as famílias o que é o automóvel atualmente.

As possibilidades são para aeroplanos de três classes principais: provisamente com turbina a gás para acionar a hélice, em vôos normais a altitudes reduzidas; com turbina a gás acionada por jacto-propulsão, para vôos longos a grandes altitudes e velocidade de 800 quilômetros horários, e, finalmente, outros dotados de hélice e propulsão por jacto para voarem a grandes e pequenas altitudes, a grande velocidade.

Os progressos na aplicação da jacto-propulsão oferecem, de fato, um campo ilimitado de seu uso na aviação. Devido às reduzidas dimensões e peso da turbina, pode fazer-se a sua instalação nas asas ou na fuselagem do aparelho, para acionar várias hélices, obtendo assim um máximo provedor da fôrça.

Para o passageiro do futuro isto significa ausência de vibração, menos ruído e uma velocidade de 800 a 1.000 quilômetros por hora, com absoluta comodidade. Os países americanos, em vez de separados por longos dias de viagem por mar ou por terra, ficarão horas de vôo. Nos Estados Unidos já estão em produção dois modelos de aviões de propulsão por jacto: o *Aircomet*, fabricado pela Bell, e o *Shooting Star*, da Lockheed, achando-se vários outros em construção e em projetos.

A demonstração do princípio

Entre a termo jacto-propulsão e a propulsão tipo foguete há bastante diferença, enquanto os dois métodos se baseiam no mesmo princípio. A diferença é que o foguete leva na sua própria câmara o elemento explosivo e o oxigênio necessário para produzir a combustão; ao passo que o sistema de jacto requer sómente o combustível, e este se inflama utilizando o ar da própria atmosfera.

Foi um sacerdote francês um dos primeiros a aplicarem o princípio da propulsão por jacto nos meios de transporte, quando experimentou, em Pekin, na China, em meados do século dezessete, uma carruagem equipada com um dispositivo para esse fim, a vapor. Newton, em 1680, apresentou um modelo de veículo acionado sob o mesmo princípio. Era dotado de uma caldeira esférica montada num carro de quatro rodas. A caldeira tinha um bocal na parte traseira e estava colocada sobre fogo alimentado a lenha. A reação do vapor sobre o meio exterior devia impulsionar o veículo. O grande físico expôs a teoria da propulsão por jacto em sua

obra "A terceira lei do movimento," enunciando que "toda ação produz uma reação sempre igual e oposta." O recuo de uma arma que dispara, o salto da rã, os movimentos na natação, etc., servem para demonstrar este princípio. É nesta lei que se encontra, simplesmente, a explicação da propulsão por jacto e da propulsão por turbina a gás. Nesta última, a aplicação dum ventilador especial força o ar para dentro do dispositivo jacto-propulsor com maior velocidade, acelerando também a sua expulsão. Os técnicos estão fazendo constantes experiências para a aplicação da turbina não sómente nos aeroplanos, como também nas locomotivas e nos automóveis.

Há muitos anos que, em vários países, procura-se fazer a aplicação prática da propulsão por jacto na aeronáutica. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, porém, no decurso desta guerra, chegaram-se a resultados que já demonstraram ser a solução do problema. Agindo simultaneamente em campos experimentais diferentes, os técnicos das duas nações reuniram afinal as suas conclusões e produziram o avião de propulsão por jacto que é, indiscutivelmente, superior a tudo quanto os alemães puderam fazer neste sentido durante a sua desesperada luta, e superior também ao que os japoneses têm mostrado na guerra no Pacífico.

O problema dos materiais

O aperfeiçoamento do turbo-compressor de alimentação adicional forçado facilitou imensamente, nos Estados Unidos, a remoção dos obstáculos então existentes quanto à resistência dos metais; enquanto que, da Inglaterra, vinha o tipo idêntico do motor a jacto aplicável ao aeroplano. A combinação das suas aplicações foi o objetivo dos especialistas ingleses e americanos interessados em melhorar cada vez mais tanto os motores como os materiais.

Os alemães, desesperados pelo desastre que os ameaçava, arrojaram ao combate seus aparelhos de propulsão por jacto. Foram, porém, de eficiência muito limitada, o mesmo acontecendo aliás aos primeiros aviões de guerra deste tipo construídos pelos americanos. Mas o trabalho para aperfeiçoá-los alcançou completo êxito. O mais eficiente e poderoso aparelho de propulsão por jacto até agora é dotado de turbina a gás. Seu mecanismo é sumamente simples, pois nela, a única peça móvel é o eixo. Numa das extremidades deste está montada uma roda de palhetas para captar e comprimir o ar na câmara de combustão, onde se processa a mistura com qualquer combustível, podendo ser o álcool, querozene ou gasolina. A mistura se inflama por meio de uma centelha elétrica e, ao dar-se a explosão, produz um gás que exerce enorme pressão sobre as palhetas em forma de meia lua da turbina, na outra extremidade do eixo, indo afinal escapar por um tubo colocado na parte traseira do avião. A energia do elemento rotor é assim produzida pelos gases ou jactos.

Este princípio elementar permaneceu, entretanto, comercialmente impraticável durante muitos anos, porque a metalurgia ainda não tinha oferecido um produto que pudesse suportar a elevada temperatura resultante da explosão dos elementos combustíveis. Resolvido agora este importante problema, são de esperar contínuos progressos à medida que surgirem novas ligas capazes de suportar temperaturas ainda mais altas.

A energia propulsora pode ser aplicada pelo simples jacto de reação, ou pela combinação de hélice e jacto, achando-se bastante adiantadas as pesquisas neste sentido. Vários aviões ora em construção são dotados de ambos os dispositivos. A turbina a gás, quando a sua energia propulsiva é aplicada por meio do simples jacto de reação, oferece a de há muito cobiçada e enorme vantagem mecânica de ter apenas uma única peça móvel.

A MULHER NA MARINHA

Uma parada das auxiliares da Marinha, num dos centros de instrução na Cidade Nova York. O Corpo Auxiliar Feminino da Marinha é de voluntárias



OS INESTIMÁVEIS SERVIÇOS DO CORPO AUXILIAR FEMININO

O CORPO Auxiliar Feminino da Marinha dos Estados Unidos está prestando tão assinalados serviços que o governo os considera como uma grande contribuição para as vitórias navais no Pacífico. São atualmente 85.000 jovens que deixaram os confortos do lar e afastaram-se de seus trabalhos normais para servir nas várias repartições da Marinha, substituindo numerosos oficiais e marinheiros que passam assim para a atividade nas frentes de combate.

A idéia de organizar um corpo auxiliar feminino para esse fim surgiu durante a primeira guerra mundial, sendo então alistadas 4.000 mulheres cujos serviços comprovaram a sua grande utilidade. Nesta guerra, porém, a Marinha está tomando parte tão considerável que o efetivo do corpo auxiliar feminino aumentou de acordo com as necessidades. E agora há tantas mulheres servindo nas várias dependências da Marinha que o seu total desimpediu homens em número suficiente para guarnecer 30 navios de guerra. Organizado sob os mesmos princípios do corpo auxiliar feminino do Exército, o da Marinha é o segundo em efício e em importância no serviço das forças armadas.

Comissionada no posto de capitão de fragata, a Sra. Mildred McAfee, presidente do Wellesley College, assumiu a direção do estágio preparatório das auxiliares da Marinha, tendo como assistente a capitão-tenente Elizabeth Reynard, antiga professora, neta de um velho lobo do mar. Durante um período de seis semanas, no Hunter College, de Nova York, as recrutas fazem o curso de preparação, familiarizando-se com vários assuntos navais cujo conhecimento necessitam no desempenho de suas funções, além da técnica de trabalhos a que vão se dedicar.

Do Hunter College as auxiliares são destacadas para várias repartições e estabelecimentos da Marinha, nos Estados Unidos, em Hawaii e

no Alaska. E' elevado o número das que vão servir em Washington, no Departamento da Marinha, em cujas seções elas perfazem 52 por cento do pessoal. Nas várias bases navais as auxiliares atendem não sómente aos trabalhos do expediente como a serviços técnicos e mecânicos especializados. A organização, cujo efetivo inicial foi calculado em 10.000 auxiliares e mil oficiais, cresceu com o enorme desenvolvimento que a Marinha está tendo nas operações de guerra. Seus oficiais preparam-se suficientemente para servir de instrutoras no serviço de reconhecimento de aviões, nos navios de guerra; qualificam-se como peritas analistas de fotografias militares de grande utilidade estratégica; dirigem serviços educacionais em hospitais, em cursos especialmente destinados aos feridos e incapacitados.

Na arma aérea

Na Aviação Naval, o concurso das auxiliares é dos mais úteis. Na base naval da Florida, por exemplo, onde estão destacadas algumas centenas de moças, atendem ao serviço de tráfego; encarregam-se das informações metereológicas e comunicações radiotelegráficas; trabalham nas oficinas e no campo, em reparos de motores; empacotam e concertam para-quedas e assistem os instrutores de vôo com instrumentos.

Ademais destas funções, servem como instrutoras de navegação aérea em viagens transoceânicas para pontos distantes, como as ilhas de Hawaii ou o arquipélago das Aleutas.

Ainda recentemente, um transporte de guerra, que acabara de passar por concertos em virtude de avarias sofridas em combate no Pacífico, conduzia um grande contingente de auxiliares femininas da Marinha, com destino a Honolulu. A guarnição estava sobrecarregada de trabalho, em virtude dos concertos, e os oficiais pouco tempo tinham para preparar os informes necessários. As auxiliares prontamente ofereceram-se para ajudar nos trabalhos de bôrdo, preparando folhas de pagamento, assistindo nos trabalhos de enfermagem e demais serviços em que podiam ser úteis, com a maior bôa-vontade e eficiência.



A educadora Sra. Mildred H. McAfee, comandante geral do Corpo Auxiliar Feminino da Marinha

Em várias bases navais as auxiliares da Marinha se encarregam do serviço de reparos e conservação



Antes de se alistar no Corpo Auxiliar Feminino, Barbara Beckwith (à direita), era assistente dentária, exercendo agora as mesmas funções numa das clínicas da Marinha. Na gravura abaixo vemos algumas auxiliares mecânicas, trabalhando num motor de avião. O seu aproveitamento em vários desses serviços aumenta consideravelmente o número de combatentes que, de outra maneira, teriam de atender a esses trabalhos em terra



MUSEU CIENTÍFICO

OS INESTIMÁVEIS SERVIÇOS E DO FAMOSO MUSEU SMITHSONIANO DE WASHINGTON

Há em Washington um museu que é um dos grandes centros de divulgação científica do mundo, o Museu Smithsonian. Foi criado há um século, graças à doação expressamente feita por James Smithson, um cientista que ofereceu a sua fortuna ao governo dos Estados Unidos. Mais de cincuenta milhões de pessoas já visitaram os seus belos edifícios onde se encontram as coleções mais maravilhosas, de par com os aparelhos cuja invenção tanto fizeram para o progresso da humanidade.

As atividades do museu, entretanto, não se resumem apenas nas magníficas exposições que se apreciam em seus salões em Washington; cientistas e organizações científicas do mundo inteiro estão em constante contato com o museu, por meio de suas excelentes publicações, suas trocas de espécimes e suas expedições. O museu é administrado de acordo com uma lei do Congresso, por uma junta diretora da qual fazem parte o vice-presidente da República, o presidente da Corte Suprema, membros do Congresso e vários cidadãos proeminentes.

O objetivo do museu é, naturalmente, educacional. Em seus vastos quatro edifícios, os visitantes podem observar o desenvolvimento da aeronáutica, examinando famosos modelos, desde os planadores construídos em 1800, o *Spirit of St. Louis*, que fez o primeiro vôo direto de Nova

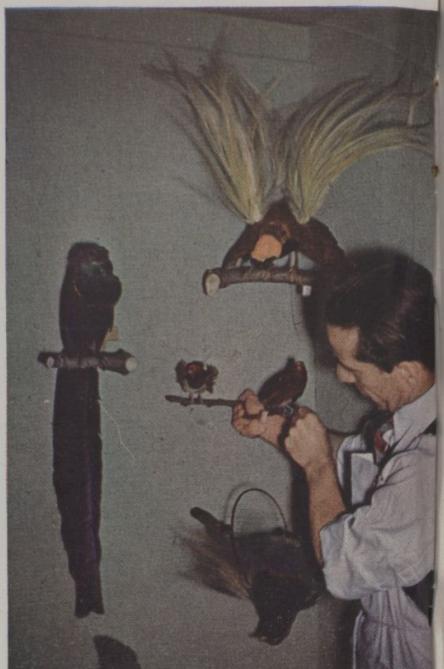
(Continua)

Um espécime do grande veado norte-americano da região do Alasca, em exposição no Museu

Dois jovens visitantes apreciando uma bela e gigantesca pedra ametista do Brasil, da coleção de minerais do museu, uma das maiores do mundo



Pássaros raro sendo preparados para a exposição por um dos especialistas da Divisão Ornitológica



York a Paris e muitos outros aviões do período da primeira guerra mundial e dos primeiros vôos em redor do mundo. Há em exposição pedras interessantes, como uma grande ametista brasileira, um jade da China e o lapis lazuli da Rússia, coleção que é uma das mais completas do mundo; há, na seção musical, raríssimos instrumentos, harpsicórdios, espinetas e primitivos pianos; na parte zoológica, variadíssimo número de aves, desde os gigantescos avestruzes australianos até os diminutos beija-flores brasileiros. Quanto a livros, há exemplares dos primeiros produzidos cuidadosamente em prensas manuais e outros que marcam as principais etapas da história das artes gráficas.

Estes e outros aspectos do conhecimento humano atraem grande concorrência, destacando-se a dos colegiais que, em turmas, visitam o museu. Na seção de cerâmica é interessante a variada série de objetos primitivamente feitos pelos aborígenes.

A montagem de espécimes

A preparação e montagem dos espécimes da vida animal requerextrême cuidado, afim de expô-los num ambiente apropriado, isto é, que reproduza o próprio habitat. No caso do grande veado que se encontra nas regiões do Alaska, o alce real, por exemplo, o trabalho de montagem absorve meses. Ao ser decidida a preparação deste animal, escolhe-se um dentre vários obtidos numa das expedições dos especialistas do museu. Os naturalistas familiarizados com os seus hábitos forneceram todos os detalhes para os necessários desenhos mostrando um dos animais na encosta de uma montanha. Foi então construído uma miniatura do conjunto para ser submetida à apreciação dos técnicos. Depois de aprovada foi então construída a reprodução em tamanho natural, vendendo-se o animal no seu próprio elemento: a fundo, a bela cena da encosta da montanha, com suas árvores típicas e a vegetação rasteira que se encontra na região, revelando em seus mínimos detalhes um esforço de dar uma perfeita impressão do ambiente.

Terminado o conjunto e pronto para ser exibido ao público, este não esconde seu entusiasmo pela perfeição do trabalho, para o qual contribuiram vários técnicos especializados: naturalistas, taxidermistas, pintores, etc.

O que o visitante vê à mostra no museu é apenas uma parte do muito que encerram os seus preciosos armários e arquivos. Ao longo dos extensos corredores visitados menos frequentemente, há enorme variedade de objetos cuidadosamente catalogados, louças raras, minerais, peles, ferramentas pré-históricas e tantos outros reunidos em paciente coleção durante um século. São grandes mananciais de conhecimentos apreciadíssimos

Grande parte da coleção do Museu Smithsonian consiste de primitivas invenções, como esta câmera

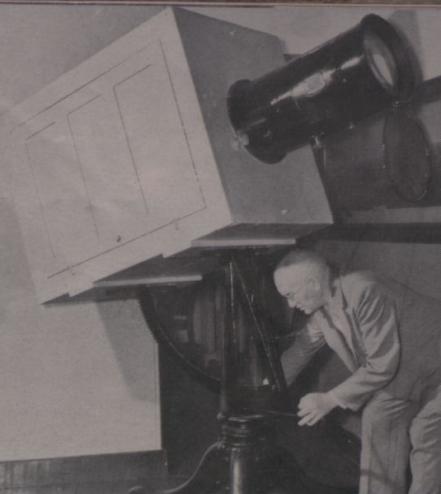
por estudiosos de todas as partes do mundo que visitam o museu e sempre encontram o seu pessoal solícito em facilitar-lhes acesso a essas valiosas fontes de informações.

Como fim de corresponder ao interesse de outros cientistas impossibilitados de visitarem o museu, a organização mantém um serviço de intercâmbio de informações. Aos seus agentes e correspondentes localizados noutros países são enviados várias publicações organizadas pelo museu, publicações que atingem uma tiragem de meio milhão todos os anos. Ultimamente, estas publicações têm expandido bastante seu campo de ação no nosso hemisfério, tratando de numerosos projetos cooperativos. Dentre os mais importantes destaca-se o referente ao estudo de plantas da América tropical, assim como da sua flora e fauna marinha. Neste sentido, as expedições organizadas pelo Museu Smithsonian têm contribuído para enriquecer as suas coleções com material do continente americano e de outras partes do mundo.

Outro trabalho de especial significação científica do museu é o realizado pelas suas estações de observação dos raios solares infravermelhos. As três estações a cargo da medição da intensidade dos raios solares, a do Monte Montezuma, no Chile, a da Califórnia e a do Novo México, enviam informes diários ao Observatório de Washington afim de serem estudados e tabulados. Esta série de estudos sobre a variação da radiação solar e sua relação com as condições atmosféricas data de 1900, sendo de grande importância para facilitar a previsão do tempo com muito maior antecedência, o que se espera seja possível a ponto de tornar a meteorologia uma ciência de rigorosa exatidão.

Nos primeiros tempos foi o Museu Smithsonian que se encarregou do serviço meteológico dos Estados Unidos, sendo este um dos seus numerosos serviços prestados ao governo. O museu também se distingue pelo seu valioso patrocínio às artes na capital da república, onde mantém a Galeria Freer de Arte Oriental e a Galeria Nacional de Arte. Dentre suas famosas exposições destacam-se, recentemente, a dos pintores cubanos e os trabalhos do celebrado mexicano Cefrino Palencia.

Pelos extraordinários serviços que está prestando às ciências, às artes e à educação em geral, o famoso museu de Washington está realizando plenamente os ideais de James Smithson, que, ao doar a sua fortuna para a sua fundação quiz que ela aproveitasse a todos a humanidade.



A maior pedra de topázio jamais encontrado, pesando 350.000 carats, procedente do Brasil. Abaixo: O Dr. M. W. Stirling, diretor de Bureau de Etnologia Americana, é de grande renome nas Américas



O edifício de História Natural do Museu Smithsonian é uma bela e espaçosa estrutura separada





"Rotenona", o poderoso inseticida de raízes de plantas da América, é aplicado em pó ou em líquido. Na gravura vê-se o tratamento de macieiras

INSETICÍDAS DAS AMÉRICAS

A MAGIA da química moderna valorizou extraordinariamente uma flor e as raízes de várias plantas que crescem no solo da América, tornando-as produtos essenciais de guerra e assegurando-lhes um grande futuro comercial depois da paz.

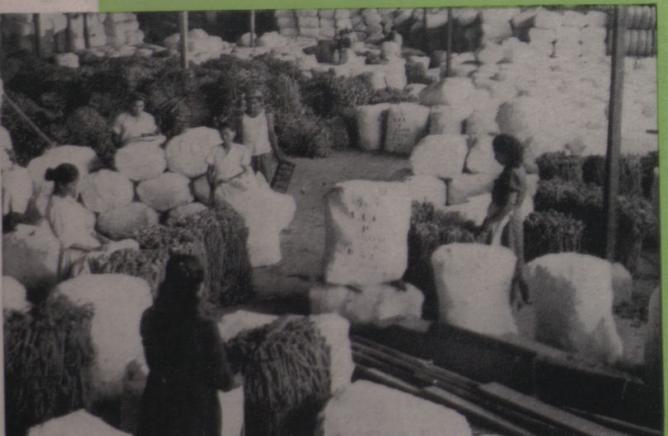
A flor, semelhante à margarida, é a do piretro, cujo princípio tóxico denomina-se piretrina; as raízes produzem a rotenona, outro tóxico. Com os cristais incolores desse e o pó amarelo e ligeiramente fragrante daquela, um químico dispõe de dois poderosos ingredientes básicos para manipular uma dúzia de modernos inseticidas e germicidas, agora de uso bastante generalizado na defesa das plantações contra as pragas que as atacam e na proteção aos combatentes aliados nas inhôspitas áreas do Pacífico. Além da rotenona e da piretrina, outros inseticidas oriundos das plantas do hemisfério ocidental estão atraiendo a atenção dos químicos.

As constantes urgências da guerra abrem novos campos de conhecimento na variada aplicação desses inseticidas, fato que se refletirá no aumento e utilização dos mesmos quando as vias de transporte interamericano estiverem completamente normalizadas. Os modernos inseticidas de origem vegetal são aperfeiçoados nos laboratórios. Con quanto só recentemente os

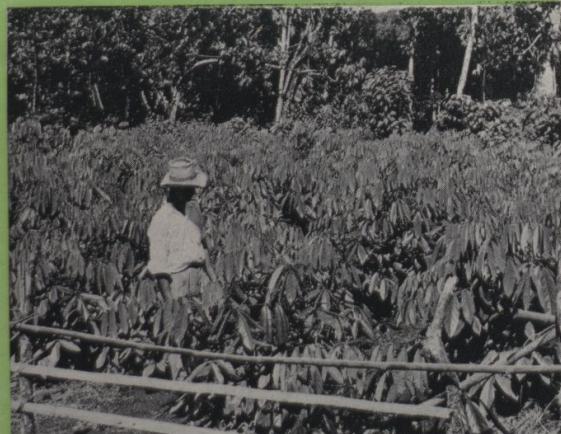
produtos vegetais tenham merecido lugar de destaque no mercado internacional, a história da sua descoberta data de muitos séculos. Em 1775, o botânico Aublet divulgou o fato de usarem os índios, na costa da América do Sul, uma planta chamada *nicou* com a qual envenenavam os peixes. Em 1834, Hillhouse, explorador inglês, observou, na Guiana inglesa, os nativos moerem as raízes de outra planta, chamada *haiari*, pô-las de mólho e usar a seiva leitosa para pescar, atirando-a à água.

"Em 20 minutos," escreveu o explorador, "todos os peixes dentro de uma considerável área vieram à tona e foram apanhados à mão ou flexados." Os que assim usavam estes estranhos e poderosos venenos para pescar, dos quais o mais conhecido atualmente é o barbasco, devem ter descoberto, no decorrer dos séculos, que as plantas também serviam como poderosos inseticidas. Con tudo, ainda recentemente, em 1930, era insignificante o comércio de raízes das plantas do gênero que produzem a rotenona. Surgiu então o que os economistas classificam como um dos maiores desenvolvimentos na história da agricultura: na década seguinte, a venda de plantas inseticidas aumentou tanto que, já no ano de 1940, somente os Estados Unidos importavam mais de 3.000 toneladas de rotenona, em

Preparando as raízes do barbasco, em Iquitos, Peru, para embarcar para os EUU., onde são processadas para a fabricação de valiosos inseticidas



Pés de barbasco, de um ano, cultivado em Oriente, Equador. São o produto de mudas de raízes de 18 polegadas, usadas na experimentação agrícola



forma crua e em pó. Deve-se esta maior procura principalmente à moderna técnica de aproveitar mais e melhor as suas propriedades tóxicas. Quanto à rotenona, afirma um especialista tratar-se de um produto completamente acoberto de qualquer competição dos sintéticos, porque a sua formula, apesar de conhecida, é tão complexa que há pouca possibilidade de ser reproduzida no laboratório.

Os cristais brancos de rotenona podem ser obtidos de raízes secas de mais de 60 plantas diferentes, da mesma família; contudo as suas fontes mais importantes atualmente são a tuba, o timbó e o derris. Os dois últimos são muito comuns no Peru e no Brasil. De como o derris veio ter às terras da América, há poucos anos, procedente do Extremo-Oriente, é outra história interessante. Em 1935, como parte do programa de ajudar a economia portorriquenha, mudas da planta foram distribuídas à estação federal experimental de Mayaguez, em Pôrto-Rico, a qual também iria distribuir outras mudas a várias nações americanas. O programa tomou impulso mais depressa do que se esperava quando o Japão ocupou as Índias Orientais e outros territórios, nos quais os aliados se abasteciam da raiz da planta. Não tardou, pois, que os aviões americanos estivessem distribuindo as mudas de Pôrto-Rico noutros pontos da América.

De 1º de janeiro de 1942, num período de 18 meses, mais de dois milhões de mudas de derris foram distribuídas; 575.354 na Guatemala, onde o risco solo de cinzas vulcânicas e as grandes chuvas muito favorecem o cultivo da planta; 529.301 no Equador e mais de 150.000 na República do Salvador, Honduras, Colômbia e México, respectivamente. O Haiti, que já iniciara o cultivo, expandiu a produção, que, de mil quilos, em 1941, passou a 10.000 no ano seguinte.

Enquanto isto, a Perú, que cultivava a tuba, produziu mais de 1.600.000 ks, em 1943, e o Brasil, com o timbó, produzia então quase 750.000 ks. O Equador, a Venezuela, a Colômbia e outros países também intensificaram a produção de suas respectivas plantas. De modo que, em menos de uma década, o cultivo e produção de plantas inseticidas tornou-se um dos maiores negócios na economia agrícola do hemisfério ocidental. O Peru, por exemplo, que, em 1937, exportou para os Estados Unidos apenas 189.000 ks, num valor de 37.429 dólares, exportou, em 1944, 2.675.000 ks, num valor de quase um milhão de dólares.

A rotenona e seus afins químicos, os rotenoides, oferecem numerosas vantagens: são a morte certa de inúmeros insetos e pragas agrícolas e domésticas, e também no campo da pecuária e avicultura; são inofensivos ao homem e aos animais domésticos, a não ser em formas muito concentradas; não deixam resíduos tóxicos nas frutas ou legumes; são relativamente baratos e, finalmente, prestam-se para aplicação na vegetação mais delicada. Quanto à sua eficácia, basta dizer que as larvas do mosquito não resistem aos mortíferos efeitos de uma solução de cinco partes de rotenona num milhão de partes dágua.

A piretrina

Na campanha contra o mosquito, a piretrina também é de grande utilidade. O piretro, a planta da qual se extrai o conhecido inseticida Pó da Pérsia, de há muito vinha, em grandes quantidades, do Japão e da África, mas já medrou definitivamente nas terras da América, cujo solo e clima são ideais para o seu crescimento. O Brasil, atualmente, é o maior produtor, mas a sua cultura far-se-á também em grande escala no Chile, Argentina, Peru, Bolívia, México, São Salvador e Guatemala. A exportação brasileira do produto para os Estados Unidos, que foi de 2.225 ks, em 1934, atingiu 296.650 em 1943.

Em tempos normais, de paz, o pó se utiliza como inseticida em galináceos, nos moinhos de trigo e tantas outras aplicações agrícolas na eterna campanha contra as pragas e os insetos. Con quanto saíam dos laboratórios vários produtos sintéticos, como o poderoso inseticida DDT, os produtos vegetais continuam em crescente valorização por suas excepcionais propriedades, aumentando assim a procura das plantas da América. Depois de longos anos de constantes pesquisas, os químicos conseguiram padronizar a potência da rotenona e da piretrina, para misturá-las com o talco ou óleo, numa base que se presta para aplicação melhor e mais fácil, ao mesmo tempo que lhes aumenta os efeitos tóxicos.

Um dos melhores exemplos do surpreendente uso, na guerra, dos inseticidas é a bomba aerosol. Esta consiste num pequeno cilindro de aço, carregado com piretrina dissolvida em querozene misturado com certo óleo. O gás freón, inofensivo, bastante usado na refrigeração e no ar condicionado, também entra na composição da bomba, em forma líquida à baixa pressão. Quando um soldado, nos trópicos, quer se ver livre dos mosquitos e de outros transmissores de doenças, desatarracha o cilindro. Ao escapar, o freón se converte em finíssimo rocio que espalha a piretrina e o óleo. Repetindo esta operação, durante três segundos, ao anotecer e à uma hora da madrugada, o soldado pode dormir a noite toda completamente livre dos intrusos. Em oito segundos, sai do cilindro inseticida em quan-

tidade bastante para encher uma sala de amplas dimensões, como, por exemplo, um dormitório comum. Na guerra no Pacífico, logo que as bases estabelecidas pelos combatentes aliados, piretrina e outros poderosos inseticidas entraram em ação para proteger os campos abertos, as águas estagnadas e até as paredes dos alojamentos.

Quanto ao melhor elemento componente dos inseticidas, a ciência demonstra que cada um tem as suas próprias vantagens. O DDT, por exemplo, de composição química, tem atraído grande popularidade, pela novidade e pela sua grande eficácia, conquanto todos os seus efeitos e as suas limitações ainda não estejam determinadas. Para uso doméstico, borrifando, usa-se geralmente uma mistura de piretrina com extrato de tuba. A semente de sabadilla, muito comum nas regiões montanhosas da Venezuela, da Guatemala e do México, submetida a um tratamento pelo calor e misturada com querozene é considerada mais eficiente contra certos insetos do que qualquer outro inseticida conhecido, de origem vegetal ou mineral. Os Estados Unidos importaram num destes últimos anos quase 70.000 quilos da referida semente. Numerosos outros inseticidas produzidos no nosso hemisfério também revelam características especiais na sua aplicação, tanto doméstica como nos trabalhos da agricultura e da pecuária.

As raízes para exportação são cuidadosamente examinadas antes de serem enfardadas. A escassez de inseticidas nos EUU. aumentou a sua produção



MÉTODOS MODERNOS DE APRENDIZAGEM

O COLÉGIO SARAH LAWRENCE E A EDUCAÇÃO INDIVIDUALIZADA

O COLÉGIO de meninas, Sarah Lawrence, no Estado de Nova York, é um dos estabelecimentos de ensino que mais se distinguem pelo sucesso do método de educação progressiva. Sua diretora, até recentemente, a Dra. Constance Warren, agora retirada à vida privada, é uma das maiores campeãs do método que tem alcançado tão marcantes conquistas no campo educacional. Pondo de lado o sistema tradicional de preleções em aulas, de notas, classificações e exames finais, o Colégio Sarah Lawrence segue a norma da *educação individualizada*, princípio que Miss Warren considera ser de grande significação nas tendências da teoria educativa.

A educadora, que, durante quinze anos, esteve à testa deste modelo instituto de ensino, descendente de antigos puritanos, os quais, na opinião de Miss Warren, legaram aos seus descendentes a suprema força de vontade de "escolherem as suas próprias atividades e dedicarem-se intensamente às mesmas." Na sua família, por exemplo, lecionar foi a atividade preferida. Seus avós e seus progenitores, todos se dedicaram ao magistério, sendo que seu pai alcançou grande renome como educador. "E tudo quanto sei da técnica de ensinar devo a ele," declara a ilustre ex-diretora do Colégio Sarah Lawrence.

Miss Warren começou sua carreira lecionando história numa escola pública secundária, na cidade de Nova Haven, Connecticut. E antes de dirigir o famoso colégio de Nova York, exerceu o magistério nos Estados de Kentucky, de Illinois e de Massachusetts. A educação individualizada no Colégio Sarah Lawrence segue um método pelo qual se procura descobrir e cultivar em cada aluna os requisitos individuais necessários para desen-

O famoso Sarah Lawrence College, sómente para moças, acha-se magnificamente instalado em belos edifícios, num ambiente rico de encantos naturais



A Dra. Constance Warren, presidente do Sarah Lawrence College, de Bronxville, Nova York, uma das figuras mais proeminentes na educação progressiva

volver a sua própria compreensão das coisas. Consoante este plano, o colégio ajuda a aluna a certificar-se de suas habilidades e a anima neste objetivo. Mantém-na em contato com as *atividades* do mundo exterior, no domínio das artes, das ciências, das letras, da indústria, etc., enquanto ela se prepara para a vida prática. No colégio não existe a *classe* no velho sentido pedagógico. Uma aluna, por exemplo, com capacidade criadora para escrever, encontra excelente material entre a multidão numa gare de estrada de ferro ou numa das grandes lojas da cidade. Muitas estudantes de assuntos econômicos passam um dia por semana trabalhando numa das repartições públicas especializadas ou num escritório comercial para adquirirem impressões pessoais sobre a matéria que as interessa. Aquelas que se dedicam a estudos sociológicos frequentam as clínicas e os centros de assistência social. A economia doméstica é observada *in loco*, no lar; as que se interessam pelo teatro, animadas pelo desejo de escrever para o palco, estudam as peças contemporâneas, analizando-as, familiarizando-se com a técnica do dramaturgo. Há, pois, uma participação real e direta em cada aluna da atividade escolhida.

O método em ação

Para a necessária orientação, organizam-se pequenos debates nos quais tomam parte 10 ou 12 alunas sob a direção de um professor, reunindo-se semanalmente, por um período de hora e meia. Cada aluna comparece a três reuniões por semana, em três matérias diferentes, além das conferências individuais com os respectivos professores. As alunas podem deixar de comparecer às reuniões, mas, em geral, frequentam-nas com assiduidade. Não há cursos predeterminados, preferindo-se a experiência prática com suas várias fontes; o estudo não fica, portanto, adstrito únicamente ao texto dos livros.

O corpo docente também está livre de preceitos tradicionais. Para 300 alunas, há 58 professores. O sistema corporifica no professor as qualidades de técnico, de professor e orientador, encarando cada aluna como um caso individual. O Dra. Warren sempre foi contrária ao trabalho pedagógico feito por normas predeterminadas, estabelecendo a rotina. Pouco lhe importava os títulos que pudesse ter um professor ou professora, quanto façam parte do corpo docente do colégio elementos dos mais doutrinários, portadores dos títulos mais meritórios. Quanto à idade do professor, pouca diferença lhe fazia. E assim justifica a educadora a sua opinião nesse particular:

"Tenho conhecido professores que permanecem com uma visão moça até se aposentarem por força da idade; enquanto que há outros que já nasceram velhos. O essencial, nos professores, é serem espíritos evolutivos, capazes de corresponder às razões daquilo que é novo e útil; que conheçam o seu campo de ação tão bem que se sintam à vontade dentro dele; que tenham levantado dúvidas sobre o sistema de educação que eles próprios receberam, e que se disponham a melhorá-lo com um espírito construtivo. Temos atraído professores que são profissionais por exce-



As aulas do método progressivo são caracterizadas pela discussão livre e informal entre alunas e professoras. Aqui vemos uma aula de literatura

lêncio. Os professores de inglês, por exemplo, vieram do campo prático da literatura, do jornalismo; os professores de música, de artes, do drama e da dança, são quase todos profissionais."

Dentre os membros do corpo docente destacam-se poetas como Horace Gregory, também um crítico de renome, e a poetisa Genevieve Taggard. A notável argentina Angelica Mendoza é, já há alguns anos, professora de espanhol; e uma das regentes de sociologia é Helen Merrell Lynd, co-autora com seu marido, de dois valiosos trabalhos sociológicos sobre uma pequena cidade típica norte-americana.

Os que primeiramente atacaram o método de educação progressiva o acusavam de não impôr bastante disciplina e da falta de escolaridade no sentido clássico do termo, notada em seus resultados. Na prática, entretanto, as alunas, em face dos sucessos alcançados, foram as maiores e também as melhores defensoras do sistema. Porque lhes é dada uma oportunidade de se esforçarem não com o mero fito de alcançar boas notas ou causar boa impressão, mas para sentirem a íntima satisfação dos resultados obtidos.

Miss Warren acentua o fato de ser comum, pelo sistema tradicional de ensino, esquecerem-se os estudantes, poucos anos depois de graduados, de grande parte daquilo que estudaram; ao passo que sempre retêm aquilo que "aprenderam fazendo".

A autorizada educadora antevê a reorganização dos métodos educacionais quando os combatentes regressarem, para reencetar a vida. Segundo o seu ponto de vista, o ensino tornar-se-á mais flexível, porque "os estudantes não quererão ser tratados como crianças, mas como verdadeiros adultos."

O curso de belas-artes do colégio é completo, abrangendo o desenho, pintura e escultura. A gravura mostra um flagrante durante uma aula de escultura



A biblioteca do colégio, dotada de variadíssima e numerosa coleção de obras clássicas e de obras da moderna literatura, é um dos pontos de atração

As alunas que pretendem dedicar-se à carreira educacional praticam no jardim de infância, frequentado por várias crianças residentes nas vizinhanças



OS TESOUROS ARTÍSTICOS ROUBADOS PELOS ALEMÃES

A PAIXÃO nazista pela pilhagem, evidenciada em todos os países ocupados pelos exércitos alemães nos dias negros da guerra europeia, revelou para os povos civilizados em toda parte, o edifício de uma horda de ladravas a lançar mão dos mais valiosos e reverenciados tesouros de arte que estavam ao seu alcance. Dentre os chefe nazistas que representavam tudo menos cultura e apreciação artística, Hermann Goering distinguiu-se como o maior ladrão de todos. O rotundo chefe Número 2 do regime nazista chegou a ser um dos maiores, senão o maior colecionador de arte do mundo, possuindo milhares de obras de arte acumuladas à medida que se alastrava a conquista nazista. Era o produto de requisições, de vendas forçadas por museus e colecionadores particulares e também de meios mais diretos de pilhagem, pura e simples.

A verificação dessa pilhagem por atacado assumiu novos e impressionantes aspectos, quase diariamente, quando os exércitos aliados invadiram a Alemanha e foram descobrindo em numerosos esconderijos valiosíssimas obras de arte que Hermann Goering e seus comparsas do nazismo haviam roubado de outras nações e procuraram ocultar ou foram obrigados a abandonar. É um conjunto que, segundo os últimos informes, representa quase uma quinta parte dos tesouros de arte existentes no mundo. Conquanto o mundo, em geral,



Dois quadros, um de Chardin, outro de Brouwer, e um retrato com a marca da coleção Rothschild, roubado dum castelo

Esta "Madona" foi encontrada num vagão, com outros tesouros, perto de Berchtesgaden



Três partes da sua coleção foram encontradas em diferentes localidades ao sudeste da Alemanha. Uma estava em longa caverna de mais de um quilômetro de extensão, nos Alpes austriacos; outra, no castelo de Neuschwanstein, na Bavária, e, outra num monastério em Buxheim, onde os aliados encontraram setenta e dois caixões contendo objetos de arte roubados de museus da França e do Museu de Kiev, na Rússia. Hitler declarou que lhe pertenciam alguns desses objetos, mas Goering se apossou da maior parte, para o museu que ele pretendia criar em seu nome.

Numerosos quadros e objetos de arte que compunham a pilhagem feita por Goering foram postos em exposição pelos soldados americanos num hotel perto de Berchtesgaden, na Bavária. Sómente num dos salões estavam expostos dois quadros de Rembrandt, um dos quais até agora desconhecido; a Madona de Memling, e três Cranachs. Foram ainda encontrados dez quadros de Van Dyck, nove de Rembrandt e quinze de



Um soldado americano examinando um quadro de Fragonard, da coleção Stern, roubado por Goering

estivesse ao par destes saques, suas verdadeiras proporções evidenciaram-se só depois da rendição da Alemanha. Foi então que os aliados descobriram 600 depósitos separados encerrando um número tão elevado de objetos de arte, quadros, etc., que a preparação da sua relação completa estava absorvendo meses.

As coleções de Goering, por exemplo, foram avaliadas, sem exagero, em duzentos milhões de dólares. Sua intenção, segundo afirmou, era aguardar o dia do seu 60º aniversário natalício e dar de presente ao povo alemão a sua valiosa coleção, "como uma grande lembrança de valor cultural que ele desejava proporcionar à sua querida Alemanha."



"Cristo e a adúltera, obra de Jan Vermeer, do século XVII, presenteado por Goering a uma mulher. A tela foi encontrada enrolada num cano

Boucher, além de vários outros trabalhos de Watteau, Fragonard e Goya. Goering e seus asseclas estavam tão decididos a não se desfazer das famosas obras-primas que muitos destes tesouros, inclusive várias joias riquíssimas, já estavam empilhados em vagões de carga de estrada de ferro, prontos para escaparem ao avanço das forças aliadas. Outros objetos foram encontrados em vagões deixados em desvios, e muitos estavam acumulados debaixo de mesas e até em lavatórios de várias casas abandonadas. Aqueles que foram escondidos a tempo achavam-se nas cavernas. Outros nazistas também tomaram parte no saque, mas nenhum excedeu a Goering. O infame traidor norueguês, Visku Quisling, apropriou-se de

valiosos quadros e outros objetos raros, avaliados em mais de um milhão de dólares. Do Clube Norueguês e de vários museus e de particulares no país e na Europa ocupada, levou ele o produto da sua pilhagem, escondendo-o em sua residência, em Gimle, na Noruega.

Várias telas e objetos ficaram danificados durante o transporte para os esconderijos nazistas ou nos próprios lugares em que estavam depositados, lugares geralmente impróprios para tal fim. Mas poucos dias depois de serem recuperados, os peritos deram começo ao delicado trabalho de restaurá-los. Depois disto coube aos aliados a tarefa mais difícil — qual a de restituir os preciosos tesouros artísticos aos seus legítimos donos.

O esplendor dos tesouros ocultos pelos nazistas deslumbra os americanos que os encontraram



Detalhe da pilhagem nazista de enorme quantidade de obras de arte, conforme foram encontradas pelas tropas invasoras do Sétimo Exército dos Estados Unidos, num histórico castelo em Fussen, na Áustria



O General Simon Bolivar Buckner

NAS primeiras horas duma manhã de abril último, numerosas forças norte-americanas penetraram nas águas das ilhas Ryukyu, perto do Japão, e lançaram um ataque de surpresa contra a ilha central. O comandante das forças, constituída pelo Décimo Exército, era um general que nunca tinha estado em grandes batalhas. Seus compatriotas pouco o conheciam e menos ainda à ilha que ele tencionava capturar. Mas hoje, meses depois da sanguenta luta, a ilha de Okinawa, e o valoroso comandante que perdeu a vida na batalha para capturá-la, destacam-se proeminente nos anais da guerra.

A vitória de Okinawa deu aos aliados a sua base mais importante no Pacífico, situada a apenas 400 milhas de Tóquio, e da qual os bombardeiros poderiam atacar facilmente, como estão fazendo, os pontos vitais do Japão. Foi uma vitória que immortalizou um intrépido combatente que, durante 37 anos de serviço, se preparou para uma grande batalha, destinada a ser a sua última.

O general Buckner morreu vítima de uma granada quando se achava nas linhas de frente, com seus comandados, pouco antes da vitória para a qual ele tanto se esforçara. Mas coube-lhe a glória de dirigir uma das mais sangrentas e importantes batalhas na guerra do Pacífico. Buckner foi o primeiro comandante-em-chefe de um exército norte-americano a ser morto em combate. Dois outros oficiais de alta patente, entretanto, morreram anteriormente em ação.

Um dos últimos retratos do Tenente-General Simon Bolivar Buckner Jr., morto na batalha de Okinawa

durante esta guerra: o tenente-general Lesley J. McNair, comandante geral das forças de terra, atingido por um estilhaço de granada, em junho de 1944, na Normandia, e o tenente-general Millard Harmon, comandante das forças aéreas estratégicas na área do Pacífico. Sua morte ocorreu durante um viagem aérea, em princípios deste ano.

O general Buckner não tomou parte na primeira guerra por causa de um defeito na vista. Quando irrompeu a segunda guerra, estava ele como comandante no Alaska, posto que então não mais o agradou, porque seu desejo era entrar em ação no Pacífico.

Muito antes de entrar em combate com os japonenses, Buckner, nos Estados Unidos, no Alaska e nas Filipinas teve ocasião de aplicar a sua tática de guerra na preparação de numerosas tropas. Especialista em tanques e em moderna infantaria, notabilizou-se no adestramento das forças que agora estão avançando decididamente nas vias que vão ter a Tóquio.

Uma família de militares

O intrépido general americano pertencia a uma família de militares. Seu pai, o general Simon Bolivar Buckner, teve uma carreira das mais distintas. Seu avô foi contemporâneo e grande admirador do grande libertador sul-americano, e daí razão do nome dado ao filho e ao neto. Este, desde cedo sentiu decidida inclinação pela carreira das armas. Começou sua preparação física na vida ao ar livre de Kentucky, onde nasceu. Depois de terminar seus estudos preparatórios no Estado, e cursar o Instituto Militar de Virginia, do qual também foi aluno o general George C. Marshall, chefe do estado-maior do Exército dos EE.UU., Buckner, ao tempo do Presidente Theodore Roosevelt, matriculou-se na Academia de West Point, cujo curso terminou em 1908.

Como oficial, Buckner conquistou rapidamente grande prestígio nos círculos militares, como consumado tático e excelente instrutor e professor. De compleição atlética, destacava-se pela sua extraordinária resistência física. De uma feita, na Academia de West Point, saiu com uma companhia de cadetes, para fazer exercícios. Todos iam equipados e armados em ordem de



O General Buckner (ao centro) num de seus postos de observação numa das ilhas no Pacífico

marcha. Depois de cinco horas na prova de resistência, três cadetes, ao escalarem uma colina ingreme, de mais de um quilômetro de extensão, mostraram-se fatigados. Buckner completou a marcha carregando as armas e o equipamento dos três alunos.

Quando estava servindo no Alaska, a Intendência da Guerra enviou, para serem experimentados pelos soldados da guarnição, dois tipos diferentes de botas. O general foi o primeiro a usá-las, mas uma de cada tipo em cada pé, procurando certificar-se pessoalmente de qual era a melhor, em terreno pedregoso e em terreno coberto de gelo. Quando lhe foram enviados sacos especiais próprios para os soldados dormirem ao relento, sob uma temperatura de muitos graus abaixo de zero, o comandante fez questão de experimentá-los, dormindo num deles. E assim procedeu sempre que se tratava de adotar peças de equipamento especial para seus soldados. Pelos serviços que prestou na organização da defesa do importante território estratégico do Alaska, Buckner recebeu a medalha de Serviços Distintos.

Em 1944, o general foi transferido para o Hawaii, afim de assumir a direção da preparação de um exército. Os resultados de seus esforços ficaram amplamente demonstrados na vitória de Okinawa, cujo plano de ataque foi por ele preparado, de combinação com o almirante Chester W. Nimitz e outros eminentes estrategistas, de terra e mar. Referindo-se às brilhantes qualidades militares do general Buckner, o almirante Nimitz, ao ser informado de sua infiusta morte no campo de batalha, declarou: "Perdemos um grande líder, mas os seus feitos nos inspiram a nos sobrepormos, com um vigor ainda maior, a todos os obstáculos que existem entre nós e a nossa vitória final sobre o Japão."



A luta em Okinawa, na qual o General Buckner perdeu a vida. Estricheirados em cavares como a que se vê aqui os japonenses foram arrancados à baloneta e a jactos de fogo →

As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capas e contracapas, respectivamente — Marinha dos EE.UU., Acme, Marinha dos EE.UU. Páginas do texto: 1, PA; 2, BAI, PA; 3, BAI, H & E, Acme; 5, H & E; 6, PA; 7, Pictograph, Serviço Florestal dos EE.UU.; 8, Serviço Florestal; 9, Bill Gaudet, Florence Arquin; 10, H & E; 11, Acme; 12, Acme, INP; 13, PA, Acme; 14, BAI, Acme, H & E; 15, BAI, INP, Acme; 16, Acme; 17, Eileen Darby, Graphic House, Acme; 18, BAI, Dept. Agric.; 19, BAI; 20, INP; 21, BAI; 22, INP; 23, BAI; 24, BAI, Dept. Agric.; 25, BAI; 26, União Panamericana; 27, BAI; 28, INP, PA; 31, H & E; 32, M. Ashworth; 33, BAI, PA; 34, H & E; 35, BAI; 36, Gabor Eder, Fritz Henle; 37, F. Henle; 38, INP, PA, Acme; 39, PA, INP; 40, PA, Acme. Abreviaturas: BAI, Bureau de Assuntos Interamericanos, INP, International News Pictures.